PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Direito

Mariana Lara Corgozinho

GUERRA HÍBRIDA NO BRASIL: das manifestações de junho de 2013 às eleições presidenciais de 2018

Belo Horizonte
2020

Mariana Lara Corgozinho

GUERRA HÍBRIDA NO BRASIL: das manifestações de junho de 2013 às eleições presidenciais de 2018

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direito da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Direito.

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Quadro de Magalhães

Área de Concentração: Direito Público

Belo Horizonte

2020

FICHA CATALOGRÁFICA
Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Corgozinho, Mariana Lara
C797g Guerra híbrida no Brasil: das manifestações de junho de 2013 às eleições presidenciais de 2018 / Mariana Lara Corgozinho. Belo Horizonte, 2020.
73 f.

Orientador: José Luiz Quadro de Magalhães
Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Direito

1. Brasil. Presidência da República (PR). Casa Civil. 2. Processo eleitoral. 3. Manifestações públicas. 4. Campanha eleitoral - Brasil. 5. Mídia social. 6. Fake News. 7. Geopolítica. 8. Globalização. 9. Crise política. I. Magalhães, José Luiz Quadro de. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Direito. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 324(81)
Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Marques de Souza e Silva - CRB 6/2086

Mariana Lara Corgozinho

GUERRA HÍBRIDA NO BRASIL: das manifestações de junho de 2013 às eleições presidenciais de 2018

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direito da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Direito.

Área de Concentração: Direito Público

_____

Prof. Dr. José Luiz Quadro de Magalhães - PUC Minas (Orientador)

_____

Prof. Dr. Mário Lúcio Quintão Soares – PUC Minas (Banca Examinadora)

_____

Prof. Dr. Ernanne Salles da Costa Júnior – UFMG (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 03 de fevereiro de 2020

Dedico esse trabalho aos meus avós maternos, Waldir e Maria,
pela generosidade e amor fraterno que me conduziram até aqui.

AGRADECIMENTOS

Essa pesquisa iniciou-se junto um processo analítico a partir do ingresso no mestrado. Ela marcou o início de uma fase muito importante, quando escolhi viver e lutar pela vida. Empreender essas duas travessias em um mesmo período foi a experiência mais desafiadora emocionalmente que já enfrentei e ao escrever esses agradecimentos, sinto que foi a escolha mais feliz também.

Agradeço ao meu analista Fídeas Siqueira, que me acolheu com tanta generosidade, sem o qual essa travessia não seria possível.

À meu orientador José Luiz Quadros, que ao acreditar que eu era capaz conseguiu me convencer.

À mãe querida, Luciene por ser a mulher mais forte e livre que já conheci, por poder conversar sobre tudo que aprendi, por ter me socorrido todas as vezes precisei ao longo desses dois anos.

À meus avós Waldir e Maria, por terem tornado a minha existência viável, aos quais devo tudo que sou.

À meus sobrinhos Ana Luiza e Álvaro, que são fonte de alegria e amor.

À minha grande amiga e prima Andréia, por ser maior entusiasta das minhas escolhas.

À meus amigos da academia: Letícia, que se tornou uma grande amiga ao longo dessa jornada, Andrey, por toda generosidade, Pollyanna, que começou comigo essa jornada compartilhando dores, risos e caronas. Ernane, por ser um grande exemplo para mim.

À minha família do coração: Juliana, Nathália, Renan, Mônica, Júlia, Jana, Bia, Renata, Pedro e Ítalo, sem eles eu não sou.

À pessoa que se revelou uma grande amiga na fase mais difícil do mestrado, Laura, grande e nobre mulher e pesquisadora.

Ao professor Mário Lucio Quintão, por todo incentivo.

À Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, que contribuiu fortemente com minha formação humana.

À fundação CAPES do Ministério da Educação que financiou essa pesquisa e tornou possível minha continuidade na academia.

“A história não se repete, mas ela sem dúvida, rima.”
Mark Twain

RESUMO

A presente dissertação busca analisar os fenômenos políticos que ocorreram no Brasil entre 2013 e 2018 a partir da teoria desenvolvida por Andrew Korybko no livro “Guerras Híbridas: das revoluções coloridas aos golpes. Para tanto, buscou-se apresentar, a partir de uma revisão bibliográfica, os fundamentos da teoria e contextualizar sua aplicabilidade ao caso brasileiro. A pesquisa se justifica na necessidade de se compreender esses fenômenos a fim possibilitar maior capacidade de resistência frente às graves alterações que a nova ordem mundial influenciada pela doutrina política e econômica neoliberal estadunidense tem provocado.

Palavras-chave: Guerra Híbrida. Revoluções Coloridas. Mídias Sociais. Lawfare.

ABSTRACT

This dissertation seeks to analyze the political phenomena that occurred in Brazil between 2013 and 2018 from the theory developed by Andrew Korybko in the book “Hybrid Wars: from colorful revolutions to coups. To this end, we sought to present, from a bibliographic review, the fundamentals of the theory and to contextualize its applicability to the Brazilian case. The research is justified by the need to understand these phenomena in order to enable greater resilience in the face of serious changes that the new world order influenced by the American neoliberal political and economic doctrine has caused.

Keywords: Hybrid Wars. Color Revolutions. Social Networks. Lawfare.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 17

2 A TEORIA DA GUERRA HÍBRIDA: CONTEXTUALIZAÇÃO E RELEVÂNCIA DO TEMA 19
2.1 A mecânica das revoluções coloridas 25

3 USO DE DADOS, MÍDIAS SOCIAIS E FAKE NEWS NOS PROCESSOS ELEITORAIS 29

4 ELEMENTOS PECULIARES DA GUERRA HÍBRIDA NO BRASIL: DAS JORNADAS DE JUNHO A PRISÃO DO LULA 39
4.1 O Golpe contra a Presidenta Dilma 41
4.2 A Prisão do ex-presidente Lula 43
4.3 Lawfare 45

5 O TRIUNFO DA VONTADE 53
5.1 A fantasia ideológica dos planos econômicos 57
5.2 Imperialismo norte-americano no momento multipolar 60
5.3 Os Brics 62

6 CONCLUSÃO 65

REFERÊNCIAS 67

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca produzir uma análise dos fenômenos políticos que ocorreram no Brasil a partir das manifestações que tiveram início em junho de 2013, sob a luz da teoria das guerras híbridas, desenvolvida por Andrew Korybko.

O fenômeno que ficou conhecido como “jornadas de junho” pode ser entendido como o estopim de uma “revolução colorida” no Brasil, que a partir da narrativa midiática, terminaria por reorganizar artificialmente toda a estrutura do poder no país.

A fim de ilustrar a dinâmica da guerra híbrida, foram elencados os principais elementos que a caracterizam, para posteriormente contextualizar sua aplicabilidade no contexto nacional.

Para tanto, foram analisados quatro acontecimentos de grande relevância política: as manifestações populares de 2013; o golpe contra a presidenta da República Dilma Rousseff em 2016; a prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a campanha eleitoral do candidato à presidência em 2018 no Brasil, Jair Bolsonaro.

Também foram objeto de análise os elementos peculiares da guerra híbrida no Brasil: o papel da grande mídia; o uso de mídias sociais e as “*fake news”* em campanhas eleitorais, o *lawfare* e, por fim, a construção ideológica que possibilitou tais fenômenos.

Por fim, buscou-se apresentar as condições políticas e econômicas que sugerem que o Brasil é um alvo direto desse novo e sofisticado mecanismo de intervenção que vem sendo aplicado pelos Estados Unidos em Estados geopoliticamente relevantes para a manutenção do poder que exerce globalmente.

A guerra já não acontece em um espaço geográfico. Operações psicológicas tem se mostrado como armas operacionais extremamente eficazes e menos dispendiosas no alcance dos fins de uma guerra e os meios militares já não são considerados viáveis diante da complexidade das relações entre e dentro dos Estados. Os riscos políticos e militares de uma guerra híbrida são infinitamente menores, já que seus mecanismos atuam de forma a não possibilitar uma identificação imediata de seus atores e interesses, impossibilitando qualquer resistência por parte do Estado-alvo.

A globalização potencializou os mecanismos da inteligência da guerra, e graças ao uso de novas ferramentas disponíveis, a guerra hoje é entendida não mais apenas como um ato político, mas como um instrumento político de permanente continuação da atividade política.

Quando o caos é deliberadamente desencadeado por uma revolução colorida e administrado continuamente em um Estado-alvo da guerra híbrida, seus efeitos são imensuráveis, contudo, o que se percebe em diversos Estados-alvo é uma permanente instabilidade política que reflete em um dano no tecido social, seja pela polarização da sociedade, seja na configuração política daquele Estado.

A guerra híbrida, portanto, pode ser entendida como um caos promovido e coordenado para se alcançar algum fim político não anunciado. É um caos construtivo, criativo e administrado por atores desvinculados do Estado, precedido por um estudo sistemático da psicologia das massas a fim de exercer um controle invisível da sociedade por meio de técnicas não violentas.

O que se pretendeu com a presente pesquisa, foi colaborar com a construção do conceito de guerra híbrida a partir das peculiaridades e dos mecanismos utilizados no Brasil, considerando que nesse Estado a guerra híbrida assumiu sua forma mais sofisticada até o presente momento.

2 A TEORIA DA GUERRA HÍBRIDA: CONTEXTUALIZAÇÃO E RELEVÂNCIA DO TEMA

O termo “guerra híbrida” tem tido elevado destaque por estar presente em grande parte dos debates acerca do atual contexto político brasileiro. Especula-se se o Brasil estaria sendo alvo de uma Guerra Híbrida, mas pouco se sabe a respeito do seu conceito. O presente capítulo visa estabelecer o conceito de guerra híbrida elencando os principais elementos compreendidos como fundamentais para os fins desse trabalho. Para tanto, faz-se necessária uma breve apresentação do autor e da teoria desenvolvida por ele, para posteriormente contextualizar sua aplicabilidade.

O responsável por sistematizar as ideias da teoria das Guerras Híbridas utilizadas nesse trabalho é Andrew Korybko, jornalista na *Sputnik News*, analista político e conselheiro do *Institute for Strategic Studies and Predictions*. Seus estudos são dedicados à geopolítica na Eurásia, aos conflitos entre Estados Unidos de um lado e Rússia e China do outro, tendo como pano de fundo a disputa energética e as estratégias de integração da região, além das revoluções coloridas e da guerra não convencional que são o tema do livro em questão[1].

No livro "*Guerras Híbridas, das revoluções coloridas aos golpes*[2]”, originalmente publicado na Rússia em 2015, traduzido e publicado no Brasil pela editora expressão popular em 2018, o autor faz uma análise das operações que resultaram na troca de regime de diversos Estados[3] partindo do estudo de caso da Síria e da Ucrânia, mas que pode ser facilmente identificado nos conflitos recentes no Oriente Médio e na América-Latina.

A teoria desenvolvida pelo autor denuncia o novo *modus operandi* militar não convencional norte-americano, definido por ele como:

---

[1] Cf. KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas**: das Revoluções Coloridas aos Golpes. Tradução de Thyago Antunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

[2] KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas**: das Revoluções Coloridas aos Golpes. Tradução de Thyago Antunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

[3] Apesar de a tese elaborada pelo autor ter partido da análise dos conflitos na Ucrânia a partir de 2004 e na e Síria a partir de 2005, o termo “Revoluções Coloridas” surgiu entre os teóricos da geopolítica para classificar os eventos políticos a partir dos anos 2000 em Estados localizados no território ou área de influência da antiga URRS, que, além de ocorrerem num mesmo período, compartilhavam diversas características comuns, quais sejam: relevância geopolítica dos Estados; formato do conflito; similaridade de causa e resultado. O principal resultado desses conflitos foi a derrubada de governos pró-Rússia e a ascensão ao poder de grupos ou partidos políticos pró-estadunidenses. Pode-se elencar como exemplos de guerra híbrida os eventos ocorridos na Iugoslávia (a Revolução Bulldozer, em 2000), na Geórgia (a Revolução Rosa, em 2003); na Ucrânia (a Revolução Laranja, em 2004) e no Quirguistão (a Revolução das Tulipas, em 2005).

> Um modelo que se inicia com a implementação de uma revolução colorida como tentativa de golpe brando, que é logo seguida por um golpe rígido, por intermédio de uma guerra não convencional se o primeiro fracassar. A guerra não convencional é definida como qualquer tipo de força não convencional (isto é, grupos armados não oficiais) envolvida em um combate largamente assimétrico contra um adversário tradicional. Se considerada em conjunto, em uma dupla abordagem, as revoluções coloridas e a guerra não convencional representam os dois componentes que darão origem à teoria da guerra híbrida, um novo método de guerra indireta sendo perpetrado pelos EUA.[4]

Korybko identificou que o modelo atual de intervenção norte-americana em Estados geopoliticamente importantes obedece a uma estrutura lógica construída progressivamente ao longo da história, elencando algumas das estratégias de dominação político-militar que estabeleceram as principais bases teóricas da dominação norte-americana contemporânea[5], para explicar que as estratégias de intervenção sofisticaram-se apenas em sua forma de execução (guerra psicológica por meio do uso de dados e mídias sociais que será abordado mais adiante), mas seus fundamentos teóricos continuam os mesmos da guerra direta.

Mas afinal, o que se entende por Guerras Híbridas? Na definição mais recente dada pelo autor em uma entrevista concedida para a revista eletrônica *Tutaméia*:

> As Guerras Híbridas são conflitos identitários provocados por agentes externos, que exploram diferenças históricas, étnicas, religiosas, socioeconômicas e geográficas em países de importância geopolítica por meio da transição gradual das revoluções coloridas para a guerra não convencional, a fim de desestabilizar, controlar ou influenciar projetos de infraestrutura multipolares por meio de enfraquecimento do regime, troca do regime ou reorganização do regime." Países como os EUA se aproveitam de problemas identitários em um Estado-alvo a fim de mobilizar uma, algumas ou todas as questões identitárias mais comuns para provocar grandes movimentos de protesto, que podem então ser cooptados ou dirigidos por eles para atingir seus objetivos políticos. O eventual fracasso desses movimentos pode fazer com que alguns de seus participantes

---

[4] KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas**: das Revoluções Coloridas aos Golpes. Tradução de Thyago Antunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018. p.13.

[5] O autor faz uma breve análise das principais teorias da geopolítica que conduziram as estratégias militares norte-americanas até os dias atuais, elencando o "prometeísmo estratégico", projeto político e intelectual do Marechal polonês Jozéf Pilsudski que liderou a emancipação da Polônia do domínio do Império Russo de 1918 a 1935, como a gênese do pensamento dos Balcãs Eurasiáticos, que viria ser a base para a edificação da estratégia militar não-convencional norte-americana atual: a utilização da periferia como força contínua para desestabilização do centro, aproveitando-se das diversas identidades étnicas dos povos periféricos (naquele contexto) para introjeção do sentimento separatista.

> recorram ao terrorismo, à insurgência, à guerrilha e a outras formas de conflito não convencional contra o Estado.[6]

De acordo com as análises produzidas por teóricos da geopolítica, os Estados Unidos seria o único país a travar a guerra híbrida hoje. Além de ser o único que dispõe de todas as ferramentas e agências especializadas que viabilizam uma guerra híbrida, há de se considerar que esse tipo de abordagem preserva a nação dos riscos políticos e militares e dos altos custos de uma intervenção militar. Para além dos motivos econômicos, as armas nucleares e o momento multipolar do mundo, impõe outra dinâmica nas relações entre os Estados, o conflito direto entre duas grandes potências já não é uma opção[7].

Para essa pesquisa, foi elencada a "revolução laranja" que ocorreu na Ucrânia a fim de demonstrar as similaridades com o caso brasileiro.

A "revolução laranja", como ficou conhecida a onda de protestos que aconteceram na Ucrânia entre 2004 e 2005, foi motivada inicialmente pela divulgação do resultado do segundo turno das eleições presidenciais que indicavam fraude no processo eleitoral em favor do candidato e então primeiro-ministro da Ucrânia Viktor Yanukovych, em desfavor do candidato da oposição (pró-ocidente) Viktor Yushchenko[8]. Os protestos começaram na madrugada do dia 21 de novembro após as primeiras alegações de fraude no processo eleitoral. No dia 24 de novembro a comissão eleitoral do país declarou Yanukovich vencedor, o que intensificou ainda mais os protestos.

A divisão dos manifestantes era sob linha geográficas: tradicionalmente o leste e sul ucranianos – etnicamente Russo – apoiava Yanukovich, enquanto o oeste – que é majoritariamente pró-ocidente – se manifestava a favor de Yuschenko. Militantes apoiadores de Yushchenko (líder da revolução laranja), convocaram a população para os protestos em várias cidades do país chegando a reunir aproximadamente meio milhão de manifestantes na Praça da Independência na Capital Kiev, já nas primeiras 24 horas de protesto[9].

---

[6] KORYBKO, Andrew. Brasil é alvo de guerra híbrida, diz analista. [Entrevista cedida a Eleonora de Lucena e Rodolfo Lucena]. **Tutaméia**: entreveros e desenredos. [*s. l.*], 18 out. 2018.

[7] KORYBKO, Andrew. Brasil é alvo de guerra híbrida, diz analista. [Entrevista cedida a Eleonora de Lucena e Rodolfo Lucena]. **Tutaméia**: entreveros e desenredos. [*s. l.*], 18 out. 2018.

[8] LÍDER derrubado em 2004 vence eleição na Ucrânia, indica apuração. **BBC News Brasil**. [s. l.], 8 fev. 2010.

[9] NA UCRÂNIA, Revolução Laranja levou oposição ao poder em 2004: denúncias de fraude generalizada na eleição presidencial deflagram o movimento. **O Globo**, [Rio de Janeiro], 05 fev. 2014. Mundo.

Os eventos foram amplamente divulgados pela mídia internacional, que claramente demonstrava apoio Yuschenko. As tentativas de negociação que duraram aproximadamente um mês – envolvendo políticos internacionais, como o ex-Secretário Geral da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) Javier Solana[10] – não surtiram nenhum efeito entre as partes.

Em 3 de dezembro a Suprema Corte da Ucrânia invalidou o resultado da eleição e ordenou uma nova votação que resultou na vitória de Yushchenko, em 26 de dezembro de 2004.

São diversos fatos que ligam Yushchenko ao ocidente, por exemplo sua esposa, Kateryna Yuschenko, é uma ex-Oficial do Departamento de Estado de Defesa dos Estados Unidos e trabalhou na Casa Branca durante a Administração de Reagan. Outro detalhe importante foi o suposto envenenamento de Viktor Yuschenko meses antes do primeiro turno das eleições. O fato o tirou da campanha eleitoral, mas sua popularidade aumentou consideravelmente ao passo que a tensão política também aumentava. A ampla cobertura da mídia ocidental fomentava as narrativas de conspiração de Yanukovich com o governo Russo no envenenamento de Yuschenko[11].

Mesmo que o estopim tenha ocorrido com o resultado do segundo turno, a tensão entre os dois "blocos" já vinha sendo alimentada por meio da intensa cobertura da mídia internacional e principalmente pela participação de atores ligadas à ONG's (Organizações não Governamentais) fomentadas pelo governo norte-americano[12]. A administração Bush teria gasto 65 milhões de dólares a favor de Viktor Yushchenko por meio da *International Renaissanse Foundation,* do bilionário George Soros[13].

A revolução laranja foi a primeira revolução colorida ocorrida na Ucrânia, e os eventos que se iniciaram a partir desses protestos "pacíficos", ilustram bem a dinâmica de uma guerra híbrida em áreas de influência da antiga URSS.

Contudo, ainda que os eventos que se desenrolaram ao longo dos anos 2000 tenham sido alarmantes para toda a comunidade internacional, a Rússia só teria

---

[10] 'CHANCELER europeu' negocia fim de crise na Ucrânia. **BBC News Brasil**. [s. l.], 26 nov. 2004.

[11] UKRAINE on fire. Direção: Igor Lopatonok. Produção executiva: Oliver Stone. Estados Unidos da América: Cinema Libre Studio, 2016. 1 vídeo (93 min.).

[12] CHAUVIER, Jean-Marie. O que está em jogo no xadrez ucraniano. **Le monde diplomatique Brasil**. [s. l.], 1 jan. 2005. Acervo online.

[13] LOBO, Iuri Endo. **Por que a culpa é do Ocidente: análise comparativa das crises da Ucrânia e da Geórgia**. 2016. Monografia (Graduação em Relações Internacionais) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

admitido publicamente sua preocupação na Conferência de Moscou sobre Segurança Internacional, em 2014, quando o Ministro de Defesa Sergei Shoigu teria declarado que "as revoluções coloridas estariam assumindo progressivamente a cara de guerra e se desenvolvendo de acordo com a guerra[14]". E assim tem sido.

Até o presente momento as dimensões dos conflitos iniciados com as tensões sociais das revoluções coloridas na periferia da Rússia aumentam progressivamente alarmando a toda comunidade internacional. O caso da Ucrânia já ultrapassa uma década. Os conflitos que ali tiveram início em 2004 se desdobraram em dezenas de outros. Não será objeto de estudo desse trabalho tais conflitos, mas eles tiveram grande importância para a compreensão da dinâmica de interferência norte-americana, bem como das estratégias de alimentação da instabilidade política no interior desses Estados.

No Brasil, diversos teóricos vêm atribuindo a interferências externas os eventos políticos que tiveram início com as manifestações de junho de 2013 e resultaram no golpe contra a Presidenta Dilma Rousseff, na prisão do ex-Presidente Lula e na consequente eleição do Bolsonaro em 2018.

No artigo intitulado "O Brasil no epicentro da Guerra Híbrida", o jornalista Pepe Escobar, analisou a questão da crise política brasileira sob o viés dos interesses estrangeiros em torno do Brasil[15]. Ele também escreve sobre o conceito de Guerras Não-Convencionais dos Estados Unidos, que explora as "vulnerabilidades políticas, militares, econômicas e psicológicas de potências hostis, desenvolvendo e apoiando forças de resistência para atingir os objetivos estratégicos dos Estados Unidos", afirmando que os países do BRICS seriam os primeiros alvos da Guerra Híbrida.

Em relação ao Brasil, Escobar afirma,

> A marcha em direção à Guerra Híbrida no Brasil teve pouco a ver com as tendências políticas de direita ou esquerda. Foi basicamente sobre a mobilização de algumas famílias ultra ricas que governam de fato o país; da compra de grandes parcelas do Congresso; do controle dos meios de comunicação[...][16]

---

[14] KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas**: das Revoluções Coloridas aos Golpes. Tradução de Thyago Antunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018. p.13.

[15] ESCOBAR, Pepe. O Brasil no epicentro da Guerra Híbrida. Tradução de Vinícius Gomes Melo e Inês Castilho. **Outras Palavras.** [s. l.], 30 mar. 2016. Geopolítica & Guerra.

[16] ESCOBAR, Pepe. O Brasil no epicentro da Guerra Híbrida. Tradução de Vinícius Gomes Melo e Inês Castilho. **Outras Palavras.** [s. l.], 30 mar. 2016. Geopolítica & Guerra.

A guerra híbrida no Brasil assumiu uma forma bem mais sofisticada do que os conflitos analisados pelo autor, mesmo que não tenha chegado ao conflito armado, a operação no país chegou à troca da liderança por meio de outros novos mecanismos de interferência, *fake news* e o *lawfare* através da chamada "Operação Lava Jato". Contou ainda com a compra de grandes parcelas do Congresso Nacional, com o controle dos meios de comunicação, com a cooptação do Supremo Tribunal Federal e, na sequência do golpe, para impedir a candidatura do ex-presidente Lula a mais um período presidencial, foi fundamental a atuação de três juízes do tribunal de apelação de Porto Alegre. Em 2016 o Wikileaks revelou um documento interno do governo estadunidense, com detalhes do Projeto Pontes[17], voltado ao treinamento de juízes e promotores da América Latina. Nesse documento, datada de 2009, os organizadores do seminário sugerem um treinamento mais aprofundado direcionado a Curitiba, São Paulo e Campo Grande.

O alcance das *fake news* no Brasil, também é uma novidade para a teoria da guerra híbrida, elas desempenharam no país o papel funcional da guerra não-convencional, ou seja, completaram a transição política para um governo de extrema-direita pró-estadunidense com a Eleição do Bolsonaro, o que em outras experiências só foi possível através do conflito armado. Comunicadores a serviço do então candidato Bolsonaro compraram milhões de números de telefones para bombardear os eleitores com *fake news,* que tiveram grande impacto nas urnas[18].

As ligações com o dinheiro dos Estados Unidos de grupos de direita do Brasil tiveram papel importante nas manifestações contra Dilma Roussef. O título de exemplo temos o MBL (Movimento Brasil Livre) financiado por uma ONG com atuação internacional, a *Atlas Network* [19], que tem presença marcante em países cujos governos os Estados Unidos desejam derrubar. Em 2013 e 2014, essa mesma organização ajudou a organizar protestos contra o governo da Ucrânia[20].

A realidade nacional brasileira revelou uma dimensão muito mais ampla e complexa do que as experiências que foram objeto de estudo dos teóricos da

---

[17] WIKLEAKS-Brasil. EE. UU., o projeto pontes e o juiz Moro. **Kaosenraled.** [s. l.], 6 jul. 2016.

[18] EMPRESÁRIOS bancam campanha contra o PT pelo whatsapp: com contratos de R$ 12 milhões, prática viola a lei por ser doação não declarada. **Folha de São Paulo**, São Paulo, [*s.d*]. Eleições 2018.

[19] PHILLIPS, Dom. Brazil's right on the rise as anger grows over scandal and corruption. **The Guardian**, [s. l.], 26 jul. 2017. World: Americas: Brazil.

[20] MEDEIROS FILHO, Barnabé. O golpe no Brasil e a reorganização imperialista em tempo de globalização. **Le monde diplomatique Brasil**. [s. l.], 23 nov. 2018. Acervo online.

geopolítica até então. As pesquisas sobre como a guerra híbrida acontece no Brasil ainda estão em estágio embrionário, acadêmicos têm produzido análises pontuais a partir das conjunturas delimitadas, mas ainda não foi possível sistematizar os acontecimentos que indicam que o Brasil estaria sendo alvo de uma guerra híbrida, nem pelos próximos cinquenta anos será dada a complexidade dos fatores e atores da atual conjuntura.

Contudo, o conceito de guerra híbrida é dinâmico e tem sido construído progressivamente a partir das experiências recentes. O único consenso que parece existir até o presente momento é que ela tem início com a revolução colorida, mas em cada Estado-alvo ela assume forma diversa.

Considerando a complexidade das relações sociais no Brasil, a dimensão territorial do país e as peculiaridades da política nacional, é aqui que ela assume a forma mais sofisticada até o presente momento.

A teoria das guerras híbridas, portanto, oferece importantes lentes de leitura para esses eventos que certamente levarão longos anos de investigação e análises para a compreensão na sua totalidade.

Pode-se afirmar a relevância desse tema, uma vez que esse padrão de conflito identificado em diversos Estados indica um novo modelo de intervenção em desenvolvimento pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos, e os líderes das nações dessa e das futuras gerações precisam conhecer e pesquisar a fundo tais técnicas a fim de elaborarem estratégias de defesa que sejam efetivas, uma vez que, basta conhecer a história do imperialismo norte-americano pra entender que a cada mudança na economia global ou na geografia política, novos inimigos são fabricados e nenhuma nação está livre de sua interferência.

Passemos à análise de seus mecanismos.

2.1 A mecânica das revoluções coloridas

Ucrânia, 21 de novembro de 2004, os primeiros protestos começaram e no início foram pacíficos. Participavam todo tipo de pessoa, jovens, idosos, pessoas com crianças. Estava claro que eles confiavam nas autoridades, incluindo a polícia, porque era seguro estar ali e não havia nenhuma ameaça de que qualquer tipo de força pudesse ser usada contra esses protestos. Os manifestantes foram às ruas em resposta às alegações maciças de corrupção, intimidação por voto e fraude eleitoral

direta, durante a eleição presidencial de 2004. Era inverno, e ainda assim meio milhão de manifestantes ocuparam a Praça da Independência em Kiev já no primeiro dia de protesto.

Brasil, junho de 2013, após o aumento da tarifa dos ônibus as ruas estavam tomadas por manifestantes, "todos saudavam a inexistência de um partido ou qualquer outro instrumento político; a defesa de bandeiras genéricas e pretensamente universais como "democracia", "liberdade e – por que não? – "felicidade"; tudo organizado graças aos novos suportes e plataformas tecnológicas da internet; tudo espontâneo". Curiosamente o governo dos Estados Unidos também concordava com a beleza e a surpreendente espontaneidade da multidão que simplesmente, depois de tanto ontem, resolveu que especificamente hoje estava cansada de seus governantes."[21]

Esses dois episódios, que ficaram conhecidos por "Revolução Laranja[22]", na Ucrânia e "Jornadas de Junho"[23], no Brasil, demonstram bem como se inicia uma Revolução Colorida: uma multidão obediente e pacífica, unida em um nível inconsciente – como os ideólogos das Revoluções Coloridas bem sabem – por um período que desafia as condições modernas de vida. A despeito de quão mascaradas as revoluções coloridas possam ser, é possível identificar certos padrões e semelhanças com nitidez, revelando sua natureza. A forma varia em cada Estado, mas a receita em quase todos é a mesma, como veremos adiante.

O objetivo de uma revolução colorida uma vez iniciada, é tomar o poder e derrubar a liderança do Estado e ela é muito eficiente para essa finalidade, uma vez que une a população em torno de ideias e de alvos e faz com que ela subjugue as instituições públicas que representam o governo[24]. Para entender essa dinâmica, antes é preciso compreender sua estrutura.

---

[21] A citação trata do contexto da Ucrânia, mas foi utilizada no contexto do Brasil para exemplificar a similaridade dos eventos que foram identificados pelo autor como fatos que marcam o início de uma guerra híbrida. Cf. KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas**: das Revoluções Coloridas aos Golpes. Tradução de Thyago Antunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018. p.13.

[22] CHETERIAN, Vicken. "Revoluções" à moda do Leste. **Le monde diplomatique Brasil**. [s. l.], 1 nov. 2005. Acervo online.

[23] "Jornadas de Junho" foi como ficou conhecido a onda de protestos que marcaram o início da revolução colorida no Brasil em 2013. Na ocasião, um número expressivo de manifestantes de todos os Estados do país, foram às ruas reivindicando pautas diversas. O estopim da revolução teria sido o aumento da tarifa da passagem de ônibus e metrô no Estado de São Paulo. O episódio será devidamente apesentado no capítulo que trata da revolução colorida no Brasil.

[24] Cf. KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas**: das Revoluções Coloridas aos Golpes. Tradução de Thyago Antunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

Para Korybko, na mecânica central das revoluções coloridas temos, ideologia; financiamento; social; informação; treinamento e mídia. Nesse primeiro momento a estrutura será explicada apenas com a finalidade de esclarecer a dinâmica geral das revoluções coloridas conforme o esquema elaborado pelo autor[25].

A ideologia tradicional que mobiliza todas as revoluções coloridas é a da democracia liberal, e ela oferece a justificativa perfeita ao propor a "libertação" dos Estados-alvo de governos visto como antidemocráticos, ou, como no caso do Brasil, "corruptos e com tendências ao comunismo", quase sempre oferecendo a solução econômica para toda a insatisfação social. Além do mais, na ideologia liberal a posição do indivíduo acima do coletivo apodera cada um dos manifestantes a sentir-se exercendo um impacto significativo na dinâmica dos protestos[26].

Na dinâmica das revoluções coloridas o financiamento se dá por meio do fomento de ONGs (Organizações não Governamentais) que intervêm nos países em transição injetando direta ou indiretamente dinheiro em suas empreitadas pró-ocidente[27].

Korybko define o social como o motor direto de engajamento direto da revolução. Ele é dividido entre núcleo; tenentes e civis, e o "acontecimento" que une todos esses atores, dando a revolução colorida a impressão de não existir hierarquia, mas ela existe e apenas um pequeno grupo de indivíduos na vanguarda rege o movimento inteiro. O núcleo seria formado por pessoas que controlam as instituições/organizações por trás das revoluções coloridas; os tenentes seriam os responsáveis por realizar funções operacionais ou administrativas à serviço do núcleo; e os civis são os cidadãos comuns, que em um número expressivo concentrado em uma região desempenham um papel fundamental nas revoluções coloridas[28].

Na informação temos as mídias sociais e os materiais de propaganda como os dois principais elementos. A primeira será usada para disseminar a ideologia projetada para aquela sociedade e a segunda servirá para fazer com que os eventos pareçam maior do que são, além de estabelecer uma identidade visual por meio das

---

[25] KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas**: das Revoluções Coloridas aos Golpes. Tradução de Thyago Antunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018. p. 118.

[26] KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas**: das Revoluções Coloridas aos Golpes. Tradução de Thyago Antunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018. p.118.

[27] KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas**: das Revoluções Coloridas aos Golpes. Tradução de Thyago Antunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018. p.119.

[28] KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas**: das Revoluções Coloridas aos Golpes. Tradução de Thyago Antunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018. p. 124.

cores, slogans, logotipo sedutores pela simplicidade e coerência das mensagens com os anseios sociais previamente estudados. As mídias são as principais ferramentas a favor das revoluções. Elas possibilitam tanto a difusão da ideologia dentro dos Estados por meio das redes sociais, blogs, sites de notícias alternativos; quanto a repercussão internacional dos acontecimentos pela mídia tradicional. [29]

Em todos os casos das revoluções coloridas o "acontecimento" é o que demarca oficialmente seu início, é o gatilho da revolução colorida. Esse acontecimento deve ser controverso e polarizador (ou ao menos retratado dessa maneira) e liberar toda a energia acumulada do movimento[30]. A título de exemplo desses acontecimentos, temos os exemplos trabalhados nesse capítulo, a fraude eleitoral nas eleições presidenciais da Ucrânia em 2004 e o aumento da tarifa do ônibus em São Paulo em 2013 no Brasil, que foram os estopins da revolução colorida nesses Estados.

Os acontecimentos variam de acordo com os valores e contexto político cada sociedade, mas não são aleatórios – podem ser fabricados ou naturais – uma vez que são realizadas diversas tentativas de se transformar eventos em acontecimento até que uma alcance êxito e a consequente agitação social necessária para se começar a revolução, pois, não é, necessariamente, o fato que importa, mas a intensidade da narrativa que será construída em torno desse fato. A confluência dos mecanismos acima descritos no momento do "acontecimento" é fundamental para o início de uma revolução colorida, bem como para sua evolução.

Contudo, no Brasil pôde se verificar maior destaque de um desses mecanismos: a informação. A mídia nacional e as mídias sociais desempenharam papel relevante. A partir das narrativas construídas pela grande mídia nacional; dos slogans e ideias fabricadas e postas em circulação pelas mídias sociais – mais tarde também a inclusão das *fake news* nesse pacote.

A fim de compreender a dimensão de sua interferência nos eventos políticos, apenas esse mecanismo das revoluções coloridas será analisado no capítulo a seguir.

---

[29] KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas**: das Revoluções Coloridas aos Golpes. Tradução de Thyago Antunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018. p.125.

[30] KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas**: das Revoluções Coloridas aos Golpes. Tradução de Thyago Antunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018. p.125.

3 USO DE DADOS, MÍDIAS SOCIAIS E FAKE NEWS NOS PROCESSOS ELEITORAIS

O presente capítulo foi construído predominantemente por notícias midiáticas, filmes, documentários e pelo jornalismo investigativo internacional, que se mostra cada vez mais como um grande aliado na luta contra a crescente onda de obscuridade em torno dos processos eleitorais no mundo.

Nesse primeiro momento, objetiva-se produzir uma análise do impacto do uso de dados nas campanhas eleitorais nos Estados Unidos em 2016 e no Brasil em 2018. Para tanto, será feita uma breve exposição dos principais fatos e atores envolvidos no escândalo recente da *Cambridge Analytica*, que tem sido considerado por grande parte dos cientistas políticos como o maior expoente do potencial de dano que o uso indevido de dados pode provocar no tecido social e nas democracias.

As experiências aqui elencadas e oferecem importantes lentes de leitura para o que hoje se entende por a maior ameaça às democracias do mundo: a guerra dos dados.

O *Facebook* é uma plataforma digital criada pelo norte-americano Mark Zuckerberg, lançada em fevereiro de 2004 com a missão de "dar às pessoas o poder de construir comunidades e aproximar o mundo". Hoje, após 15 anos da sua criação, conta globalmente com 2,7 bilhões de usuários mensais, estando entre os 10 sites mais acessados do mundo em 2019[31]. Aproximadamente 48% de seus usuários o consideram como fonte de notícias[32].

Mas como o sonho do mundo conectado nos dividiu? Essa é a grande indagação do documentário "*The Great Hack*[33]" (Privacidade Hackeada), produzido e dirigido por Jehane Noujaim e Karim Amer, lançado em julho de 2019 pela *Netflix*, que teve grande repercussão ao revelar os bastidores da campanha eleitoral do Trump, então candidato à presidência nos Estados Unidos em 2016.

O documentário reúne os principais fatos e atores envolvidos no escândalo da *Cambridge Analytica*, sede Britânica da *SCL GROUP*, empresa de estratégia de

---

[31] 10 SITES mais populares do mundo. **Forbes**. [s. l.], 10 abr. 2019. Redação.

[32] BAVA, Sílvio Caccia. Google, Facebook e a extrema direita. **Le monde diplomatique Brasil.** [s. l.]. 2 set. 2019. Edição 146: Brasil. Editorial.

[33] THE GREAT hack. Direção: Karim Amer, Jehane Noujaim. Produção: Karim Amer. Estados Unidos da América: Netflix, 2019. 1 vídeo (114 min.).

comunicação digital responsável pela campanha eleitoral da LEAVE.EU, campanha pela saída do Reino Unido da União Europeia no referendo de junho de 2016, o BREXIT, e de Donald Trump candidato à presidência dos Estados Unidos pelo partido republicano, em novembro de 2016[34].

Mesmo percebendo que o conteúdo recebido era direcionado às suas preferências pessoais de seus usuários, esse fenômeno não indicava potencial para interferir na democracia de um país, até que o escândalo da *Cambridge Analytica* viesse à tona. Rastros de interações na internet, tais como o uso de cartão de crédito, pesquisas na web, locais, curtidas, coletas em tempo real, calculados por algoritmos daria o acesso direto ao impulso emocional do usuário para qualquer comprador[35].

A empresa de Big Data alegou ter aproximadamente 5.000 pontos de medição de cada eleitor estadunidense, que foram coletados por meio de enquetes que circulavam no *Facebook*, quando os usuários forneciam "voluntariamente" informações a respeito de seu comportamento, emoções e demais escolhas que fossem úteis para traçar o perfil psicológico do usuário. Esses testes e enquetes não dariam acesso apenas a dados do usuário que o fizesse, mas de todos os usuários de sua rede de amigos[36].

A primeira experiência do uso dessa ferramenta em processo eleitoral que se tem conhecimento foi na campanha eleitoral senador Ted Cruz, pré-candidato republicano em Iowa[37]. A partir dessa experiência, Alexander Nix, diretor executivo da *Cambridge Analytica* passou envolver a empresa em empreendimentos eleitorais. Os dados coletados durante os 14 meses trabalhados para Ted, foram usados na campanha do Trump.

---

[34] THE GREAT hack. Direção: Karim Amer, Jehane Noujaim. Produção: Karim Amer. Estados Unidos da América: Netflix, 2019. 1 vídeo (114 min.).

[35] BRITANNY, Kaiser. **Manipulados**: como a Cambridge Analytica e o Facebook invadiram a privacidade de milhões e botaram a democracia em xeque. Tradução de Roberta Clapp, Bruno Fiuza. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.

[36] COMO a Cambridge Analytica recolheu dados do Facebook: entenda a estratégia usada por aliados de Trump durante a campanha eleitoral. **Folha de São Paulo**, São Paulo, [*s.d.*]. Mercado.

[37] EX-ESTRATEGISTA de Trump supervisionou ação da Cambridge Analytica: delator conta ao 'Washington Post' como começou a trabalhar na campanha do atual presidente. **O Globo**, [Rio de Janeiro], 21 mar. 2018. Mundo.

Após o sucesso do primeiro experimento, Alexander Nix apresentou no *Concordia Anned Summit*[38] a metodologia aplicada. Naquele tempo parecia não reconhecer a natureza controversa do experimento.

Brad Pascale, empreendedor digital radicado no Texas, começou a trabalhar para as empresas Trump em 2011 na construção de websites, e foi chamado para fazer a campanha presidencial de Trump em 2015. Mesmo sem qualquer experiência política, foi convocado para comandar a unidade de anúncios digitais nas primárias. Brad desenvolveu um sistema de arrecadação de fundos e publicidade dirigida alimentado por uma base de dados gigantesca: o Projeto Alamo[39], divisão digital da campanha do Trump.

No Projeto Alamo, reuniu-se preferências de dezenas de milhões de eleitores com informações da campanha, do Partido Republicano e da *Cambridge Analytica*. Usava ferramentas disponíveis no *Facebook* para dirigir anúncios a públicos específicos – mirava nos 13 milhões que tinham potencial de votar no Trump, mas também queria afastar negros, mulheres e outros grupos favoráveis a Hillary Clinton. Chegou a produzir até 175 mil anúncios por dia[40], a maioria destinados a Estados que decidiriam as eleições.

A *Cambridge Analytica* era responsável pelo planejamento estratégico e por projetar Estados, locais e usuários que seriam alvo dos anúncios.

Steve Bannon, que foi chefe da campanha eleitoral do Trump e posteriormente, estrategista chefe da Casa Branca, é presidente do *Breibart News*, site de notícias, opiniões e contrainformações da extrema-direita norte-americana. Bannon foi sócio-fundador e investidor da *Cambridge Analytica*, e promoveu uma espécie de guerra cultural a partir do conteúdo produzido pelo site. O foco do conteúdo do site não se assenta na dicotomia tradicional esquerda-direita, "tornou-se populismo e nacionalismo versus globalismo[41]".

---

[38] O Concordia Annet Summit é um forúm apartidário que ao lado da Assembléia Geral das Nações Unidas promovem anualmente um fórum de discussão reunindo tomadores de decisão e formadores de opinião nos setores público, privado e sem fins lucrativos, para catalisar ações por meio de abordagens de valor compartilhado e objetivos de impacto social.

[39] GUROVITZ, Hélio. O homem que usou o Facebook para eleger Trump. **Estadão**, [São Paulo], 2 jul. 2017. Internacional.

[40] BRITANNY, Kaiser. **Manipulados**: como a Cambridge Analytica e o Facebook invadiram a privacidade de milhões e botaram a democracia em xeque. Tradução de Roberta Clapp, Bruno Fiuza. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.

[41] GRYNBAUM, Michael M.; HERRMAN, John. Breibart rises from outlier to potent voice in campaign. **The New York Times,** [Nova Iorque], 26 ago. 2016.

De acordo com Bannon, para se alterar fundamentalmente uma a sociedade, primeiro tem que destruí-la totalmente, somente após essa destruição é que se pode remodelar seus pedaços a partir da visão de uma nova sociedade por parte de quem está no poder[42]. Bannon foi talvez a figura mais importante nessa engrenagem que levou o Trump ao poder, além de representar um dos maiores expoentes da transição para essa nova forma de se fazer política.

> Bannon foi um dos primeiros entre os novos populistas a entender que "*policts is downstreeam from culture*" – "a política deriva da cultura". Desde o começo, ele luta para arrancar da *intelligentsia* liberal o espectro da hegemonia cultural. [...] Mobilizou blogueiros e *trolls* para dominar o debate das redes sociais, participando do lançamento de uma sociedade de Big Data aplicada à política a *Cambridge Analytica* [...] Assim Bannon converteu-se em banda de um homem só" do populismo americano. Portanto, quando o furacão Trump devastou as primárias republicanas em 2016, ele estava lá, a poucos passos de virar inspirador oculto, depois o estrategista oficial, da campanha mais transgressora da história da política dos Estados Unidos.[43]

O escândalo da *Cambridge Analytica*, serviu para alertar o mundo para essa interferência nos processos eleitorais, mas as pessoas não podem admitir que ela funciona. Porque admitir significa confrontar nossas próprias suscetibilidades, terrível falta de privacidade e uma dependência sem esperança das plataformas de tecnologia que estão arruinando democracias.

Contudo, a *Cambridge Analytica*, foi apenas uma empresa bem-sucedida que teve suas operações reveladas publicamente, a tecnologia e estratégia permanecem exploradas por governos e diversas outras empresas que permanecem fora dos holofotes.

Recentemente, o cientista político franco-italiano, Giuliano da Empoli, publicou o livro "Os Engenheiros do Caos", no qual ele conta a história de Bannon, mas também dos principais atores envolvidos na transformação de algoritmos em votos e na projeção dos líderes populistas que utilizaram dessa ferramenta para chegarem ao poder. O autor narra a atmosfera que permeia as interações políticas na internet a partir do uso dessas ferramentas.

---

[42] GUERRAS culturais se acirram no Brasil, e quem vence é a direita de Bolsonaro: batalha entre esquerda e direita no campo das artes e costumes tem sexualidade como principal personagem. **Folha de São Paulo**, São Paulo, [*s.d*]. Ilustrada.

[43] DA EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos.** Tradução de Arnaldo Bloch. São Paulo: Vestígio, 2019. p. 30.

> Naturalmente, como as redes sociais a nova propaganda se alimenta sobretudo de emoções negativas, pois são essas emoções que garantem maior participação, daí o sucesso das *fake news* e das teorias da conspiração. Mas tal tipo de comunicação possui também um lado festivo e libertário, comumente desconhecido daqueles que enfatizam unicamente a faceta sombria do Carnaval populista. O escárnio vem sendo, desde então, a ferramenta mais eficiente para dissolver as hierarquias. Durante o Carnaval, um bom e libertador ataque de riso é capaz de enterrar ostentações do poder, suas regras e suas pretensões. [...] Durante o Carnaval, não há lugar para o espectador. Todos participam juntos da celebração desvairada do mundo ao avesso, e nenhum insulto ou piada é vulgar se contribui pra ordem dominante e sua substituição por alguma dimensão de liberdade e fraternidade. O carnaval produz, naquele que dele participa, uma imensa sensação de plenitude e de renascimento – o sentimento de pertencer a um corpo coletivo ue se renova. De espectador, cada um se torna ator, sem nenhuma distinção baseada em grau de instrução. A opinião do primeiro que passa vale tanto quanto, ou talvez mais, que a do expert. Enquanto isso, a máscara coletiva se mudou para a internet, em que o anonimato tem o mesmo efeito de desinibição que, tempos atrás, nascia no momento de se vestir uma fantasia. Os *trolls* são, assim, os novos polichinelos, que jogam gasolina no fogo libertador do carnaval populista. [...] O novo Carnaval não se afina com o senso comum – ele tem sua própria lógica, mais próxima de um teatro do que de uma sala de aula, mais ávida de corpos e imagens que de textos e ideias, mais concentrada na intensidade da narrativa que na exatidão dos fatos.[44]

Segundo o autor, o Brasil é o hoje um dos laboratórios políticos dessa nova forma. Os valores tradicionais da política têm sido dissolvidos pelo voluntarismo das ações do Bolsonaro. Se antes um membro do governo dissesse algo que não fosse verdadeiro, isso provocaria um abalo do governo em questão. Mas o uso de provocações e mentiras provocam reações, e essas reações são previamente desejadas, ou seja, a cada mentira ou absurdo, somos obrigados a falar daquilo que ele quer que falemos[45].

Esse seria, portanto, o núcleo do caos coordenado: provocar instabilidade política permanente, envolvendo o maior número de pessoas que são cooptadas por conteúdos que despertam emoções negativamente sedutoras.

O caso recente do uso de *fake news* na campanha eleitoral do então candidato à presidência do Brasil em 2018, revelou um desdobramento da experiência da campanha eleitoral do Trump nos Estados Unidos em 2016.

---

[44] DA EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos.** Tradução de Arnaldo Bloch. São Paulo: Vestígio, 2019. p.21.

[45] DA EMPOLI, Giuliano. 'O caos criado pela extrema direita é calculado'. [Entrevista cedida a João Paulo Charleaux]. **Nexo Jornal**. [s. l.], 03 dez. 2019.

Encontra-se em trâmite uma Ação de Investigação Judicial Eleitoral[46] no Tribunal Superior Eleitoral, que investiga a compra de pacotes de mensagens por empresários apoiadores do Bolsonaro, do próprio candidato e seu vice Hamilton Mourão, na campanha eleitoral de 2018.

Uma série de reportagens publicadas pelo jornal A folha de São Paulo[47], revelaram que empresas apoiadoras da campanha dos então candidatos Jair Bolsonaro e Hamilton Mourão teriam encomendado à Quick Mobile Desenvolvimento e Serviços Ltda., à Yacows Desenvolvimento de Software, à Croc Services Soluções de Informática e à SMSMarket Soluções Inteligentes pacotes de disparos em massa de mensagens na ferramenta *WhatsApp* contra o Partido dos Trabalhadores e seus respectivos candidatos ao pleito presidencial naquele ano[48].

De acordo com a matéria publicada pelo *The Guardian*[49], foram 11.957 mensagens virais compartilhadas em 296 bate-papos em grupo na plataforma de mensagens instantâneas no período da campanha, aproximadamente 42% dos itens da direita continham informações consideradas falsas pelos verificadores de fatos. Menos de 3% das mensagens de esquerda analisadas no estudo continham falsidades verificadas externamente.

Os conteúdos variavam entre os que induziriam seus apoiadores a condenar práticas fantasiosas atribuídas ao governo do PT, atacando diretamente a “moral e os bons costumes” dos ditos “cristãos” apoiadores do Bolsonaro e as teorias da conspiração que atribuíam também ao PT, tentativas de se implementar o comunismo no Brasil. O antipetismo foi amplamente trabalhado no conteúdo das *fake news*. Toda sua campanha foi construída a partir da difamação da oposição e da autorização simbólica para o absurdo e o politicamente incorreto.

---

[46] BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Ação de Investigação Judicial Eleitoral (11527) n. 06011779-05.2018.6.00.0000**. Relator: Ministro Jorge Mussi. Brasília-DF, 21 out. 2018. Representante: Partido Democrático Trabalhista (PDT); Coligação Brasil Soberano (PDT/AVANTE). Representado: Jair Messias Bolsonaro; Antônio Hamilton Martins Mourão; Luciano Hang; Coligação Brasil Acima de Tudo, Deus Acima de Todos (PSL/PRTB).

[47] EMPRESÁRIOS bancam campanha contra o PT pelo whatsapp: com contratos de R$ 12 milhões, prática viola a lei por ser doação não declarada. **Folha de São Paulo**, São Paulo, [*s.d.*]. Eleições 2018.

[48] TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Comunicação. **Mais três operadoras enviam informações ao TSE sobre telefones de supostos envolvidos em disparos de mensagens em massa**: informações foram solicitadas pela Corregedoria em ação que investiga empresas alegadamente contratadas para propagar mensagens via whatsapp. [s. l.] 29 out. 2019.

[49] AVELAR, Daniel. Whatsapp fake news during Brazil election ‘favoured Bolsonaro’: analysis suggests vast majority of viral messages with fake information were rightwing. **The Guardian**, [s. l.], 30 out. 2019. World: Americas: Brazil.

Em ambos os casos (Trump e Bolsonaro), os candidatos começaram suas campanhas com diferenças consideradas insuperáveis – de acordo as pesquisas de intenção de voto – em relação a seus adversários, mas terminaram eleitos.

Na primeira pesquisa realizada pelo IBOPE Inteligência a pedido da TV Globo e do Jornal O Estado de São Paulo, sobre a sucessão presidencial registrada antes do prazo final para a oficialização das candidaturas e realizada entre os dias 17 e 19 de agosto, foram realizadas 2.002 entrevistas e dois cenários foram testados. No primeiro cenário, em que Lula aparece como candidato do PT, o ex-presidente liderava com 37% das intenções de voto, à frente 19 pontos percentuais (p.p.) de Jair Bolsonaro, do PSL, que tinha apenas 18% das menções. [50]

A candidatura de Lula era incerta no momento da pesquisa, o pedido de registro de sua candidatura foi questionado no TSE que terminou por declarar o candidato inelegível[51].

Contudo, as circunstancias desfavoráveis – uma vez que Lula se encontrava preso – não refletiram nas urnas, Lula despontava nas pesquisas com uma diferença expressiva em relação ao candidato Bolsonaro.

As pesquisas também revelaram o panorama político do momento inicial da campanha eleitoral no Brasil e o descontentamento evidente dos eleitores com a atual situação do país teria sido explorada com o conteúdo direcionado em favor do Bolsonaro. De acordo com a pesquisa do IBOPE, apenas 3% dos eleitores consideravam a administração atual como ótima ou boa e 90% desaprovavam o governo[52], apontando o quadro de insatisfação da sociedade com a atual gestão à época.

O candidato Bolsonaro se aproveitou dessa insatisfação coletiva e contaminou os eleitores a fim de modificar o sentimento político através do conteúdo das *fake news*, causando uma “epidemia política”, como ensina Korybko:

> Palavras, sons e imagens realizam pouco a não ser que sejam as ferramentas de um plano minunciosamente arquitetado e de métodos

[50] IBOPE INTELIGÊNCIA. Notícias & pesquisas. **Lula fica à frente na disputa pela Presidência da República**: no cenário com Haddad como opção do PT, Bolsonaro aparece na liderança. 20 ago. 2018.

[51] TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Comunicação. **TSE indefere pedido de registro de candidatura de Lula à Presidência da República:** ministros vedaram a prática de atos de campanha pelo ex-presidente. [s. l.] 1 set. 2018.

[52] IBOPE INTELIGÊNCIA. Notícias & pesquisas. **Lula fica à frente na disputa pela Presidência da República**: no cenário com Haddad como opção do PT, Bolsonaro aparece na liderança. 20 ago. 2018.

> cuidadosamente organizados. Se os planos são bem formulados e faz-se uso deles corretamente, as ideias transmitidas pelas palavras tornam-se parte integrante das próprias populações. Quando o público é convencido da racionalidade de uma ideia, ele entra em ação [...] [que é] sugerida pela própria ideia, seja ela ideológica, política ou social [...] mas esses resultados não acontecem do nada [...] eles podem ser obtidos principalmente pela fabricação de consenso. [53]

Grande parte das notícias falsas compartilhadas no *WhatsApp* refletiam os valores de promovidos pela equipe de Bolsonaro durante a campanha de dois meses. Quase todas as principais notícias falsas da direita se enquadram em quatro categorias, conforme a análise feita pelo *The Guardian*[54] :

1. Até 48% dos itens de direita que continham falsidades verificadas externamente mencionavam uma trama fictícia para manipular fraudulentamente o sistema de votação eletrônica, ecoando as teorias da conspiração promovidas pela equipe de Bolsonaro e levantando suspeitas sobre o processo democrático.
2. Outros 19% das mensagens promoveram informações enganosas sobre um ataque de facada contra Bolsonaro no início de setembro de 2018[55]. A facada, que forçou o líder de extrema direita a passar a maior parte das semanas restantes da campanha no hospital, foi um ponto de virada [56] nas eleições.
3. Dezesseis por cento do conteúdo falso de tendência direita tentou rejeitar o sistema político e a grande mídia como corruptos, refletindo elementos-chave da retórica anti-*establishment* de Bolsonaro.
4. Outros 14% das falsidades virais visavam políticos e ativistas de esquerda, geralmente usando tropos homofóbicos e insultos anti-feministas.

---

[53] KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas**: das Revoluções Coloridas aos Golpes. Tradução de Thyago Antunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018. p.32.

[54] AVELAR, Daniel. Whatsapp fake news during Brazil election 'favoured Bolsonaro': analysis suggests vast majority of viral messages with fake information were rightwing. **The Guardian**, [s. l.], 30 out. 2019. World: Americas: Brazil.

[55] AVELAR, Daniel. Whatsapp fake news during Brazil election 'favoured Bolsonaro': analysis suggests vast majority of viral messages with fake information were rightwing. **The Guardian**, [s. l.], 30 out. 2019. World: Americas: Brazil.

[56] AVELAR, Daniel. Whatsapp fake news during Brazil election 'favoured Bolsonaro': analysis suggests vast majority of viral messages with fake information were rightwing. **The Guardian**, [s. l.], 30 out. 2019. World: Americas: Brazil.

O candidato não participou de nenhum debate com os presidenciáveis. Se esquivou de entrevistas e compromissos durante a campanha, mas ainda assim, esteve onipresente no período eleitoral, entre o bombardeamento diário de notícias falsas e declarações de cunho ofensivas, homofobicas, racistas e machistas.

> O crescimento dos populismos tomou a forma de uma dança frenética que atropela e vira do avesso todas as regras estabelecidas. Os defeitos e vícios dos líderes populistas se transformam, aos olhos dos eleitores, em qualidades. Sua inexperiência é a prova de que eles não pertencem ao ciclo corrompido das elites. E sua incompetência é vista como garantia de autenticidade. As tensões que eles produzem em nível internacional ilustram sua independência, e as *fake news* que balizam sua propaganda são a marca de sua liberdade de espírito. [...] no entanto, por trás das aparências extremadas do Carnaval populista, esconde-se o trabalho feroz de *spin doctors*, ideólogos e, cada vez mais, cientistas especializados em Big Data, sem os quais os lideres do novo populismo jamais teriam chegado ao poder.

As notícias falsas tomaram corpo de campanha, uma campanha sem qualquer conteúdo propositivo para as demandas do país, mas precisamente elaboradas de acordo com os anseios da sociedadde.

Nas poucas aparições do período, sua fala se resumia no conhecido bordão, “tem que mudar tudo isso que tá aí, tá ok?”, resposta automática para quaisquer perguntas sobre sua estratégia de governo. Ainda assim, Bolsonaro recebeu 57.797.847 votos válidos, sendo eleito por 55,13% dos brasileiros[57] em outubro de 2018.

O objetivo do presente capítulo foi expor fatos e atores envolvidos nesses dois processos eleitorais que levaram Trump e Bolsonaro ao poder a fim de se compreender que a forma de se fazer política da política foi radicalmente alterada a partir do uso de dados e mídias sociais em processos eleitorais.

Contudo, para que se entenda a complexidade desses fenômenos, há de se analisar além do real alcance do uso de dados e das mídias sociais, as fissuras presentes em cada tecido social que são exploradas por essas ferramentas, que apesar de não ser objeto dessa pesquisa, possivelmente indicam o caminho para se reestabelecer o equilíbrio político e social.

---

[57] JAIR Bolsonaro é eleito presidente com 57,8 milhões de votos: candidato pelo PSL, capitão reformado do Exército derrotou o petista Fernando Haddad no 2º turno e vai governar o Brasil pelos próximos 4 anos. **G1**. Eleições 2018. 29 out. 2018.

4 ELEMENTOS PECULIARES DA GUERRA HÍBRIDA NO BRASIL: DAS JORNADAS DE JUNHO A PRISÃO DO LULA

A onda de protestos que ficou conhecida como “Jornadas de Junho” marcou o início de uma série de eventos que culminaram no golpe contra a presidenta da República Dilma Rousseff em 2016 e pode-se afirmar que ela está no centro da recente crise política brasileira.[58]

Aqui não será feita uma análise sociológica dos eventos, mas a correlação deles com a função das mídias em uma revolução colorida. O papel das mídias, tradicional nacional; sociais e alternativas na construção das narrativas desse junho histórico foi fundamental para que a revolução no Brasil lograsse êxito.

Vale salientar que nas experiências analisadas pelo autor da teoria das guerras híbridas, a troca de liderança só ocorreu a partir da guerra não-convencional. No Brasil, ao mesmo tempo em que mais sofisticado e que na Ucrânia, por exemplo, bastou a construção de narrativas intensas pela mídia nacional, o uso de *fake news* e das mídias sociais para que houvesse a destituição da liderança e eleição de um candidato pró-estadunidense.

Os protestos começaram com uma pauta única, embora de enorme abrangência social: as tarifas de transporte público. Depois da repressão policial em São Paulo, o movimento atingiu o ápice entre 17 e 20 de junho[59]. Foram esses os dias cruciais, pois o motivo inicial das mobilizações foi ultrapassado por uma agenda ampla ditada pela grande imprensa. E isso se deu não somente a ação de pequenos grupos nas redes sociais. A grande imprensa martelava diariamente parte das reivindicações que começaram a surgir nas ruas: condenação seletiva da corrupção, contra gastos públicos e impostos etc.

As convocações diárias aconteciam principalmente por via do *Facebook* e *Twitter*. Os manifestantes reivindicavam pautas confusas, mas não havia nenhuma cobrança de coerência por parte de nenhum seguimento social, seja da mídia ou do poder público. Líderes de movimentos sociais e estudantis, lideranças

---

[58] FERREIRA, Andrey Cordeiro. Ecos de junho: insurgências e crise política no Brasil (2013-2018). **Le monde diplomatique Brasil**. [s. l.], 20 jun. 2018.

[59] CHARLEAUX, João Paulo. O que foram, afinal, as Jornadas de Junho de 2013 e no que elas deram: ‘Nexo’ traz 5 análises, de protagonistas e estudiosos do movimento, sobre as manifestações que mexeram com o Brasil. **Nexo Jornal**. [s. l.], 17 jun. 2017.

sindicais, acadêmicos e jornalistas pareciam se confundir com os manifestantes comuns quando se arriscavam a produzir alguma leitura desses eventos.

Korybko trabalha com a ideia de que parte da infiltração estrangeira nas redes sociais de em um Estado-alvo seria para provocar o que ele chama de “enxame”. Um exame segundo o autor é a insurgência das massas contra os centros simbólicos e administrativos do poder de forma caótica, expressiva e coordenada[60]. A finalidade é reunir o máximo possível de pessoas que compartilham as mesmas convicções contra o governo para causar uma instabilidade permanente até que atinja a finalidade para qual ele foi dirigido. O papel da cobertura midiática seria no direcionamento, portanto, desse enxame.

O Movimento Passe Livre (que convocou as manifestações), reivindicou a horizontalidade das manifestações desde o início, mas foi questão tempo para que o slogan “Fora Dilma” surgisse nos protestos que já aconteciam em quase todas as cidades brasileiras. A quantidade de pessoas na rua se multiplicava na mesma velocidade da produção e circulação de vídeos, imagens, *slogans*, nas mídias sociais[61].

Lideranças políticas ligadas aos movimentos sociais entraram na disputa da narrativa com a mídia, mas naquele momento a onda de protestos já era grande demais, desordenada demais e a única capaz de dar conta da missão de informar, era a mídia tradicional, que pouco a pouco foi construindo a narrativa e por fim, ninguém mais se recordava dos “vinte centavos”.

As Jornadas de Junho, ao provocarem uma crise de representação, criaram também um legado ideológico que se manifestou em greves e insurgências e que paralisaram o Estado.

Em 2013 o Brasil entrava na lista das pautas negativas da mídia internacional e a cenografia midiática passou a afetar diretamente a já fragilizada popularidade da presidenta Dilma. A herança desse período no inconsciente coletivo foi de que se tratou de um levante do povo contra um governo, autoritário e demagogo, mas principalmente, corrupto.

---

[60] KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas**: das Revoluções Coloridas aos Golpes. Tradução de Thyago Antunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018. p. 58.

[61] FERREIRA, Andrey Cordeiro. Ecos de junho: insurgências e crise política no Brasil (2013-2018). **Le monde diplomatique Brasil**. [s. l.], 20 jun. 2018.

4.1 O Golpe contra a Presidenta Dilma

Criado em 2015, o MBL (Movimento Brasil Livre) – que comandou a campanha "Fora Dilma" nas redes sociais – começou com uma "ansiedade em criar uma linguagem simples e espalhar e transformar o liberalismo econômico e político em uma força política relevante no Brasil", segundo Kim Kataguiri, um de seus jovens líderes[62]. Gradativamente o MBL ganhava força política, mas esse apoio viria principalmente pelo discurso de seus líderes que condenavam as velhas e más práticas da política tradicional e, como se declaravam independentes, sem quaisquer vínculos políticos ou qualquer tipo de financiamento, seus adeptos enxergavam no movimento uma possibilidade de mudança.

Em 2017, após uma investigação do *The Guardian,* uma matéria foi publicada revelando que os coordenadores do Movimento Brasil Livre receberam treinamento do *Students for Liberty*, uma rede de defesa do mercado livre que faz parte da *Atlas Network*, uma organização americana sem fins lucrativos que espalha os ideais do liberalismo econômico. Os estudantes da *Liberty e da Atlas Network* receberam financiamento de Charles Koch, que, com seu irmão David, controla as indústrias *Koch* - o gigante americano de energia, combustíveis fósseis e petroquímico[63].

As ONGs, tem desempenhado um papel relevante dentro da dinâmica da Guerra Híbrida. Para além das finalidades da intervenção em um Estado-alvo, elas têm reproduzido uma agenda de política externa do Ocidente, conforme análise produzida por Patrick Henningsen, no artigo "*Smart Power and The Human Rights Industrial Complex"* (A Inteligência do Poder e o Complexo Industrial de Direitos Humanos):

> Moldar a percepção e opinião do público ocidental sobre as principais questões internacionais é essencial para que as principais potências mundiais cumpram seus objetivos de política externa. Não surpreendentemente, podemos ver que muitas das posições públicas assumidas pelas ONGs estão exatamente alinhadas com a política externa do Ocidente. [...] Na Ucrânia em 2014 e com Síria e Iêmen em 2016, eles apoiaram a mudança de regime. Em cada caso, as ONG

[62] JORNAL inglês The Guardian fala da ligação entre o MBL e os irmãos Koch. **Diário do Centro do Mundo**. [s. l.] 28 jul. 2017. O essencial.

[63] PHILLIPS, Dom. Brazil's right on the rise as anger grows over scandal and corruption. **The Guardian**, [s. l.], 26 jul. 2017. World: Americas: Brazil.

> funcionam como extensão de relações públicas a um bloco do Conselho de Segurança dos membros ocidentais das Nações Unidas, ou seja, EUA, Reino Unido e França. Esse conluio se manifesta nos escalões superiores dessas organizações, cuja agenda simplificada se conforma através de uma porta giratória lucrativa que existe entre um cartel de ONGs ocidentais, governo e mídia[64].

Pode-se afirmar que MLB teve papel determinante no golpe de 2016. A agitação social que seus membros provocavam por meio das mídias sociais era tão potente que seu líder mais expressivo, Kim Kataguiri foi nomeado um dos jovens mais influentes do mundo em 2015 pela revista *Time*[65]. Embora a principal demanda do MBL tenha sido impeachment, seus líderes afirmavam oferecer a solução definitiva para os problemas de corrupção no Brasil: liberdade econômica. Kim Kataguiri foi eleito foi eleito deputado federal por São Paulo, em 2018.

Até setembro de 2015, havia 37 pedidos de impeachment protocolados na Câmara dos Deputados contra a Dilma. Um deles foi redigido pelo MBL e conta com mais de mil páginas com pareceres "jurídicos" sobre as pedaladas fiscais e acordos de leniências que "legitimariam" o pedido de impeachment.

Contudo, presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha acolheu o pedido redigido por Hélio Bicudo e pelos advogados Miguel Reale Junior e Janaina Conceição Paschoal, contando com a adesão posterior do MBL ao pedido. O acolhimento do pedido de impeachment provocou grande impacto na já fragilizada democracia nacional, como escreveu Ester Solano:

> O mais dramático deste ilegítimo processo de *impeachment* foi o enfraquecimento da democracia nacional e a perda da confiança social nas suas instituições. Com falso pretexto da luta contra a corrupção, conceito que se transformou num mantra moralizante e muito útil para certas artimanhas, o Brasil sofreu um processo traumático cujas consequências são muito graves[66].

A presidenta afastada foi condenada sob a acusação de ter cometido crimes de responsabilidade fiscal. O Golpe jurídico-parlamentar-midiático, contra a então presidenta Dilma Rousseff, foi consumado em 31 de agosto de 2016, após 3 meses de tramitação do processo de impeachment iniciado no Senado que

---

[64] HENNINGSEN, Patrick. Smart power and "the human rights industrial complex". **Global Research.** [s. l.], 17 mar. 2016. (Tradução nossa).

[65] THE 30 MOST influential teens of 2015. **Time**. [s. l.], 27 out. 2015. Newsfeed.

[66] SOLANO GALLEGO, Esther. A luta é de todos nós. *In:* PRONNER, Carol *et al.* (org.). **A resistência internacional ao golpe de 2016.** Bauru : Canal 6, 2016. p. 179.

culminou com uma votação no plenário em 61 votos a favor e 20 contra o impedimento[67].

4.2 A Prisão do ex-presidente Lula

A justificativa ideológica das perseguições políticas – o combate a corrupção – foi sendo construída progressivamente a partir da grande mídia e das mídias sociais, e pouco a pouco no Brasil a esquerda não aparecia mais como um adversário eleitoral, mas como "um inimigo moral, cujas opções políticas ameaçam a probidade[68]". A corrução passou a ser a obsessão nacional e o papel da mídia foi determinante nessa empreitada.

Para a compreensão do papel da ideologia do combate à corrupção na crise política brasileira, precisa-se antes compreender como ocorreu a transição da política baseada em ideologia para política que se assenta na moral. Uma das hipóteses seria a mudança do debate político após o colapso do sistema comunista no início dos anos 90, a partir da análise produzida por Catherine Fieschi e Paul Heywood no artigo, "Trust Cynism and Populist anti-politcs" (Confiança, Cinismo e anti-política Populista):

> Os partidos cujas as batalhas eleitorais foram organizadas ontem em torno de questões ideológicas, mas tinham as mesmas práticas em matéria de corrupção, tiveram que mudar de tática. Os programas da esquerda e da direita começaram a ficar parecidos, enquanto a urgência de demonstrar sua competência de mostrar competência uma vez no poder se tornava decisiva. [...] A competição política, tem, portanto, levado a negligenciar os debates substantivos para preferir as acusações de corrupção destinadas a manchar o crédito do adversário.[69]

Outro ponto relevante seria o surgimento do tema da "governança"[70] nos corredores do FMI (Fundo Monetário Internacional) e do Banco Mundial. A partir de 2018 o FMI passou a incluir nos indicadores de governança a corrupção para a

---

[67] SENADO FEDERAL. Senado Notícias. Agência Senado. **Impeachment de Dilma Rousseff marca ano de 2016 no Congresso e no Brasil**. [Brasília-DF], 28 dez. 2016. Matérias: especial.

[68] BRÉVILLE, Benoît; LAMBERT, Renaud. Dar um sermão para o mundo ou transformá-lo?. **Le monde diplomatique Brasil**. [s. l.], 2 set. 2019. Edição 146: Brasil.

[69] FIESCHI, Catherine; HEYWOORD, Paul. Trust, cynicism and populist anti-politics. **Journal of Political Ideologies,** Abigdon-on-Thames, v. 9, n. 3, p. 289-309, out. 2004.

[70] Foram as instituições de Bretton Woods – Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional – que introduziram a ideia de governança na agenda mundial. Ela engloba, com efeito, o direcionamento de práticas transparentes e eficazes para construir a capacidade das instituições regionais e nacionais, melhorando a administração pública em geral.

elaboração de diagnóstico da economia e a partir desse diagnostico produzir recomendações para os países[71].

> A ideia de um governo técnico, liderado por especialistas que trabalham para o bem comum. Assim, para países do Sul, como para os do antigo bloco comunista, converter-se ao livre comércio ou ao capitalismo não decorre mais de uma escolha política, mas de um imperativo de boa gestão. Prejudicial às empresas que desejam se estabelecer em países em desenvolvimento, a corrupção concentra fogo nas instituições neoliberais, que rapidamente identificam nela a raiz principal: a falta de livre comércio. [...] As barreiras comerciais podem levar os empresários a pagar suborno para obter uma isenção ou tratamento preferencial. Liberalizar e lutar contra a prevaricação: as organizações internacionais condicionarão em breve sua ajuda financeira a esses dois imperativos. Onipresente quando se trata de medir o fenômeno da corrupção, a ONG Transparência Internacional – fundada dois anos após o colapso da União Soviética por um ex-membro do Banco Mundial – considera que as práticas ilícitas dizem respeito apenas ao setor público. Por definição, as empresas estariam protegidas dela.[72]

No capítulo que trata da evolução do imperialismo norte-americano, foi apresentada a dinâmica da construção ideológica do capitalismo como salvação por meio dos discursos que justificavam os planos de intervenção econômica dos Estados Unidos ao longo da história.

O tema da governança parece se assentar nas mesmas bases ideológicas dos planos econômicos dos Estados Unidos direcionados à países em situação de "crise", mas agora, o slogan é outro, já não se fala mais em capitalismo, mas em liberdade econômica para a superação da corrupção, que seria a grande desgraça dos países em desenvolvimento.

A grande questão é que essas recomendações e intervenções que o FMI vem elaborando a partir da ideia de governança, atrelam a corrupção a sistemas e não a políticos, afastando a atenção e responsabilidade das empresas nesses esquemas. E isso se dá não apenas pela inclusão da corrupção na agenda do FMI, mas à intensidade da atenção midiática dada ao assunto.

O Brasil passou a ser conhecido internacionalmente como o "país da corrupção". Problemas estruturais de todas as ordens passaram a ser diretamente relacionados à má gestão e à corrupção "endêmica" do PT, principalmente a partir

---

[71] INTERNATIONAL MONETARY FUND. **Review of 1997 guidance note on governance**: a proposed framework for enhanced fund engagement. Washington-D.C., 22 abr. 2018.

[72] BRÉVILLE, Benoît; LAMBERT, Renaud. Dar um sermão para o mundo ou transformá-lo?. **Le monde diplomatique Brasil**. [s. l.], 2 set. 2019. Edição 146: Brasil.

do escândalo do mensalão, que ameaçou o derrubar o governo do presidente Lula em 2005.

A solução parecia se assentar em duas bases: combate à corrupção e alteração da doutrina econômica. As pressões populares da direita se concentravam na reivindicação de uma mudança radical das bases políticas do país através do extermínio dos "adversários do progresso" personificados na figura do líder fundador do PT, o Lula. O Poder judiciário juntamente com a PF (Polícia Federal) então, assumiriam função.

4.3 Lawfare

A Operação Lava Jato é mundialmente conhecida como a maior iniciativa de combate à corrupção e lavagem de dinheiro da história do Brasil. Conduzida pelo então Juiz Federal Sérgio Moro, teve início em março de 2014 com a investigação perante a Justiça Federal em Curitiba de quatro organizações criminosas lideradas por doleiros, apontando irregularidades na Petrobras, maior estatal do país, bem como em contratos vultosos, como o da construção da usina nuclear Angra 3[73].

O Juiz responsável pela Lava Jato trabalhou como assistente no caso do "Mensalão", como ficou conhecido o escândalo de compra de votos de parlamentares que ameaçou derrubar o governo Lula em 2005. Suas práticas à época revelaram uma postura partidária e desprovida de senso institucional, contudo, satisfatória para a sociedade que já naquela época atribuiria ao Juiz a função de "bastião da justiça".

Em 2004, Moro publicou o artigo intitulado "Considerações sobre a operação *Mani Pulite"*[74]*,* no qual ele faz uma análise sobre os eventos da operação Mãos Limpas, investigação judicial de grande proporção realizada na Itália na década de 1990. Em seu texto, Moro defendeu a atuação do Judiciário italiano na tentativa considerada como um grande fracasso para a maior parte dos estudiosos. Afirma que a Operação Mãos limpas foi "uma das mais

---

[73] MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **Caso Lava Jato**. [*s. l.*], [*s. d.*].

[74] MORO, Sergio Fernando. Considerações sobre a operação *mani pulite*. **Revista Centro de Estudos Judiciários**, Brasília-DF, n. 26, p. 56-62, jul./set. 2004.

impressionantes cruzadas judiciárias contra a corrupção política e administrativa[75]" e ainda ressalta o papel da mídia:

> [...] os responsáveis pela operação *Mani Pulite* fizeram largo uso da imprensa. Com efeito: Para o desgosto dos líderes do PSI, que, por certo, nunca pararam de manipular a imprensa, a investigação da "mani pulite" vazava como uma peneira. Tão logo alguém era preso, detalhes de sua confissão eram veiculados no "L'Expresso", no "La Republica" e outros jornais e revistas simpatizantes. Apesar de não existir nenhuma sugestão de que algum dos procuradores mais envolvidos com a investigação teria deliberadamente alimentado a imprensa com informações, os vazamentos serviram a um propósito útil. O constante fluxo de revelações manteve o interesse do público elevado e os líderes partidários na defensiva. Craxi, especialmente, não estava acostumado a ficar na posição humilhante de ter constantemente de responder a acusações e de ter a sua agenda política definida por outros.

A operação provocou alterações severas no sistema político da Itália na época. Diversos partidos políticos desapareceram, políticos e empresários investigados cometeram suicídio. A operação que tinha a finalidade de combater a corrupção endêmica no país, terminaria por causar grande instabilidade política; econômica e não alcançar seus fins. O vácuo político causado por ela resultou na ascensão de políticos "novos" políticos envolvidos nos velhos esquemas de corrupção.

Alberto Vannucci, um dos maiores especialistas na operação Mãos Limpas, afirmou que experiência da Itália serve como referencial sociológico para posteridade, provou que a corrupção tem origens diversas e profundas – quando se revelam em grandes proporções – e que o papel do judiciário deve se limitar a apurar os casos que chegam até ele, uma vez que foge do alcance de sua função promover soluções para problemas estruturais da sociedade[76].

Diversos magistrados e demais servidores envolvidos no processo produziram análises a respeito da Operação, nas quais parece existir unanimidade em relação ao fracasso que ela representou.

A atuação do judiciário italiano contou fortemente com a vazamentos para a imprensa de informações não investigadas, na tentativa de manipular a opinião

---

[75] VANUCCI, Alberto. Operação que inspirou Lava Jato foi fracasso e criou corruptos mais sofisticados, diz pesquisador. [Entrevista cedida a Luiza Bandeira]. **BBC News Brasil**. Londres, 17 mar. 2016.

[76] VANUCCI, Alberto. Operação que inspirou Lava Jato foi fracasso e criou corruptos mais sofisticados, diz pesquisador. [Entrevista cedida a Luiza Bandeira]. **BBC News Brasil**. Londres, 17 mar. 2016.

pública e angariar apoio à missão. Contudo, o que provocou foi um enfraquecimento da democracia e uma reorganização artificial da política, resultando em sofisticação nos mecanismos de corrupção, uma vez os novos atores políticos passaram a desenvolver outros mecanismos de corrupção a partir da Mãos Limpas[77].

Entre o caso brasileiro e italiano existem muitas semelhanças. Na Itália o combate à corrupção foi personificado na figura do promotor Antonio di Pietro, que se tornou o herói da operação. Com o fim da Mãos Limpas, Di Pietro deixou de ser um magistrado e começou uma carreira política, criando seu próprio partido, e, paradoxalmente, esteve envolvido em um escândalo por uso indevido de recursos públicos[78].

No Brasil, como veremos adiante, a caçada promovida pelo do herói da Lava Jato – o Juiz Sérgio Moro – resultou na prisão política do ex-presidente Lula, que o tirou da campanha eleitoral na qual foi eleito Jair Bolsonaro, que nomeou Moro como Ministro da Justiça no dia de sua posse.

A atuação de Moro contou com diversas violações de direitos, vale a leitura do referido artigo que inspira as práticas arbitrárias e ambiciosas de Sergio Moro.

Não cabe aqui uma análise sobre o fracasso ou sucesso da Lava Jato, tampouco da operação Mãos Limpas na Itália, mas uma explanação em torno de seus principais atores e as motivações por trás da fantasia midiática do combate à corrupção. Sobretudo, em como a ideologia do combate à corrupção – construída pela narrativa midiática dos eventos políticos do país – forneceu justificativa para a promoção de interesses políticos através de perseguições do judiciário.

Em 2001, o major-general Charles J. Dunlap Jr. Usou pela primeira vez termo “lawfare” em um texto produzido para a Kennedy School de Harvard, para explicar formas de conflitos modernos que se assentam na aplicação ou na má aplicação das leis em substituição ao campo físico de batalhas[79].

---

[77] VANUCCI, Alberto. Operação que inspirou Lava Jato foi fracasso e criou corruptos mais sofisticados, diz pesquisador. [Entrevista cedida a Luiza Bandeira]. **BBC News Brasil**. Londres, 17 mar. 2016.

[78] VANUCCI, Alberto. Operação que inspirou Lava Jato foi fracasso e criou corruptos mais sofisticados, diz pesquisador. [Entrevista cedida a Luiza Bandeira]. **BBC News Brasil**. Londres, 17 mar. 2016.

[79] ZANIN, Cristiano; MARTINS, Valeska. Lawfare, o uso do sistema como arma de guerra política e econômica. **Carta Capital**. [s. l.], 17 ago. 2019. Opinião.

> A prática do *lawfare* consiste no uso da lei como uma arma de guerra. O conceito elaborado pelo Major General Charles Dunlap, denota o "abuso de leis ocidentais e sistemas judiciais para alcançar fins militares estratégicos ou políticos". Lawfare é inerentemente negativo. Não é uma coisa boa. É o oposto de perseguir a justiça. É arquivar processos ou inutilizar processos legais para intimidar e frustrar oponentes no teatro da guerra. Lawfare é o novo campo de batalha legal.[80]"

Conforme artigo publicado pela revista Carta Capital, inspirado nos estudos de John e Jean Comaroff[81], antropólogos jurídicos da Universidade Harvard, temos a expansão do conceito de *lawfare* a partir de uma adaptação de algumas das diversas dimensões da guerra: a geografia, o armamento e as externalidades[82].

Assim como na guerra acampamentos de batalha são cuidadosamente escolhidos considerando a estratégia geográfica, no *lawfare* essa lógica se aplica na escolha do juiz ou tribunais que demonstrem inclinações a favor da tese utilizada por seus praticantes – a mídia pode propiciar a legitimação dessa escolha.

Outra dimensão da guerra refere-se à escolha da arma certa para o combate de acordo com a eficácia contra o inimigo. No *lawfare*, esse armamento representa a escolha de leis para atingir o alvo – sequestro de patrimônio, dano à reputação, ou até a privação da liberdade.

E por fim, tanto na guerra, quanto no lawfare, mídia seria um meio potente para criar aceitação ou mesmo a legitimação da perseguição jurídica por meio dessas armas legais contra o inimigo escolhido. As características do lawfare, nessa perspectiva, também estão intrinsecamente ligadas aos elementos da "guerra da informação", que consiste no tratamento estratégico de dados com o objetivo de obter uma vantagem competitiva sobre o adversário.

Em 2016 o Wikileaks revelou um documento interno do governo estadunidense, com detalhes do Projeto Pontes[83], nome dado ao programa de treinamento de juízes e promotores da América Latina. Nesse documento da data de 2009, os organizadores do seminário sugerem um treinamento mais aprofundado

---

[80] ZANIN, Cristiano; MARTINS, Valeska. Lawfare, o uso do sistema como arma de guerra política e econômica. **Carta Capital**. [s. l.], 17 ago. 2019. Opinião.

[81] JOHN Comaroff explica Lawfare. [s. l.], 14 nov. 2016. 1 vídeo (21 min). Publicado por A verdade de Lula.

[82] ZANIN, Cristiano; MARTINS, Valeska. Lawfare, o uso do sistema como arma de guerra política e econômica. **Carta Capital**. [s. l.], 17 ago. 2019. Opinião.

[83] WIKILEAKS-Brasil. EE. UU., o projeto pontes e o juiz Moro. **Kaosenraled.** [s. l.], 6 jul. 2016.

direcionado a Curitiba, São Paulo e Campo Grande. O juiz Sérgio Moro, de Curitiba, que comanda a Operação Lava Jato, tem sido um dos palestrantes mais frequentes nos Estados Unidos de 2009 em diante.

Entre janeiro de 2017 e julho de 2018, foram vinte e dois cursos e palestras ministradas por Moro no Brasil e no exterior – um por mês, em média. O levantamento foi feito pela Agência Pública de jornalismo investigativo, com base em notícias veiculadas na imprensa nacional e internacional e com informações do portal da transparência do TRF4. A reportagem solicitou ao órgão, via Lei de Acesso à Informação, dados de todos os cursos e palestras ministradas pelo juiz nos últimos cinco anos. Foram questionados dados relativos aos honorários, contratantes, local e data dos eventos. Em resposta, o tribunal disse que as informações estavam disponíveis no site e que a administração da corte havia solicitado aos magistrados que atualizassem os registros sobre o exercício de docência eventual no sistema de recursos humanos. Dos vinte e dois eventos levantados, doze não foram declarados pelo magistrado, como as palestras que ele deu este ano no Fórum do Grupo Lide – criado pelo ex-prefeito João Doria (PSDB) – em *Nova York*; no Brazil Fórum 2017, em Londres; e no *Brazil Conference*, nos Estados Unidos[84].

A partir de junho de 2019, a agência de jornalismo investigativo *The Intercept Brasil* passou a publicar uma série de reportagens produzidas a partir de arquivos com mensagens privadas, gravações em áudio, vídeos, fotos, documentos judiciais e outros itens enviados por uma fonte anônima para o jornalista Glenn Greenwald, que revelam comportamentos antiéticos e transgressões por parte dos procuradores e magistrados envolvidos na Lava Jato.

O conteúdo das mensagens envolve discussões internas e atitudes altamente controversas e politizadas entre o procurador coordenador da Lava Jato Deltan Dallagnol em colaboração com o atual ministro da Justiça, Sergio Moro[85].

A saga da Lava Jato levou à prisão o ex-presidente Lula em 2018, seis meses antes das eleições presidenciais na qual ele seria candidato. Uma vez sentenciado por Sergio Moro, sua condenação foi rapidamente confirmada em

---

[84] MACIEL, Alice. A empresa de palestras de Rosângela Moro. **A Pública**. [*s. l.*], 25 jul. 2018. Reportagem.

[85] GREENWALD, Glenn; REED, Betsy; DEMORI, Leandro. Como e por que o Intercept está publicando chats privados sobre a Lava Jato e Sergio Moro. **The Intercept Brasil.** [*s. l.*], 9 jun. 2019.

segunda instância, o tornando inelegível no momento em que todas as pesquisas mostravam que Lula – que terminou o segundo mandato em 2010 com 87% de aprovação, liderava a corrida eleitoral de 2018. Sua exclusão da eleição, baseada na decisão de Moro, foi uma peça-chave para abrir um caminho para a vitória de Bolsonaro.

A prisão do ex-presidente Lula foi uma prisão política, sem qualquer fundamento legal, mas que só foi possível pela apropriação da máquina do judiciário pelos coordenadores da Lava Jato. Lula parece ter sido conivente ao se defender de uma acusação política com uma defesa técnica que respeitou o sistema jurídico. As conversas publicadas pelo *The Intercept* deslegitimaram toda a operação que custou milhões para os cofres públicos, deixou evidente a subordinação do judiciário às oligarquias nacionais e aos interesses externos.

Até o presente momento o *The Intercept Brasil* divulgou 23 matérias com o material recebido, nas quais os procuradores da Lava Jato falavam abertamente sobre seu desejo de impedir a vitória eleitoral do PT e tomaram atitudes para atingir esse objetivo; e que o juiz Sergio Moro colaborou de forma secreta e antiética com os procuradores da operação para ajudar a montar a acusação contra Lula. Tudo isso apesar das sérias dúvidas internas sobre as provas que fundamentaram essas acusações e enquanto o juiz continuava a se posicionar como o maior expoente do comprometimento e neutralidade da Lava Jato[86].

A importância dessas reportagens aumentou ainda mais depois da nomeação de Moro ao Ministério da Justiça, mas o escândalo parece não interessar à grande mídia nacional, como interessou quando Moro vazou intencionalmente conversas telefônicas privadas entre a presidente Dilma Rousseff e seu antecessor Luiz Inácio Lula da Silva (em que discutiam a possibilidade do ex-presidente se tornar ministro da Casa Civil), reproduzidas exaustivamente por inúmeros veículos de mídia. A divulgação dessas ligações privadas foi crucial para virar a opinião do público contra o PT, ajudando a preparar o terreno para o golpe contra a Dilma em 2016 e a prisão de Lula em 2018.

---

[86] GREENWALD, Glenn; REED, Betsy; DEMORI, Leandro. Como e por que o Intercept está publicando chats privados sobre a Lava Jato e Sergio Moro. **The Intercept Brasil.** [s. l.], 9 jun. 2019.

Mas a divulgação feita por Moro e diversos veículos da imprensa dos diálogos privados entre Lula e Dilma incluíam não apenas revelações de interesse público, mas também comunicações privadas de Lula sem qualquer relevância para a sociedade – o que levou muitas pessoas a argumentarem que a divulgação tinha o propósito de constranger pessoalmente o ex-presidente[87]. Vale recordar o que o Moro escreve em seu artigo sobre a operação Mãos Limpas:

> Apesar de não existir nenhuma sugestão de que algum dos procuradores mais envolvidos com a investigação teria deliberadamente alimentado a imprensa com informações, os vazamentos serviram a um propósito útil. O constante fluxo de revelações manteve o interesse do público elevado e os líderes partidários na defensiva. Craxi, especialmente, não estava acostumado a ficar na posição humilhante de ter constantemente, que responder a acusações e de ter a sua agenda política definida por outros.[88]
> [...] Há sempre o risco de lesão indevida à honra do investigado ou acusado. Cabe aqui, porém, o cuidado na desvelação de fatos relativos à investigação, e não a proibição abstrata de divulgação, pois a publicidade tem objetivos legítimos e que não podem ser alcançados por outros meios.[89]

Retomando a teoria das guerras híbridas, a propaganda e fabricação de consenso são definidas por Korybko como a espinha dorsal da estratégia de derrubada de governos. Ele cita Edward Bernarys – reconhecido como o maior expoente das Relações Públicas – para mostrar como a propaganda pode projetar na sociedade interesses políticos:

> O estudo sistemático da psicologia das massas revelou aos alunos as potencialidades do controle invisível da sociedade por manipulação dos motivos que mobilizam o homem em grupo [...] (o qual) tem características mentais diferentes das do indivíduo e é motivado por impulsos e emoções que não podem ser explicados com base no que conhecemos acerca da psicologia individual. Logo, levantou-se naturalmente o questionamento: se entendêssemos o mecanismo e os motivos da mente grupal, não seria possível controlar e reger as massas de acordo nossa própria vontade sem que elas percebessem?[90]

---

[87] GREENWALD, Glenn; REED, Betsy; DEMORI, Leandro. Como e por que o Intercept está publicando chats privados sobre a Lava Jato e Sergio Moro. **The Intercept Brasil.** [s. l.], 9 jun. 2019.

[88] MORO, Sergio Fernando. Considerações sobre a operação *mani pulite*. **Revista Centro de Estudos Judiciários**, Brasília-DF, n. 26, p. 56-62, jul./set. 2004.p.59.

[89] MORO, Sergio Fernando. Considerações sobre a operação *mani pulite*. **Revista Centro de Estudos Judiciários**, Brasília-DF, n. 26, p. 56-62, jul./set. 2004. p.59.

[90] KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas**: das Revoluções Coloridas aos Golpes. Tradução de Thyago Antunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018. p 46.

Os eventos políticos que tiveram início em junho de 2013 no Brasil, culminaram na série de perseguições políticas elencadas ao longo dessa pesquisa. A caçada política contou com ampla participação do Poder Legislativo e do Judiciário – por meio da atuação facciosa dos seus membros; pelas oligarquias por trás do então presidente, Jair Bolsonaro, mas principalmente pela intensa participação da mídia a partir de suas narrativas. O apoio popular às violações de direitos foi determinante, e quem determinou esse apoio foi a mídia.

A guerra híbrida no Brasil assumiu a forma mais sofisticada de intervenção até o presente momento. Ela conta com elementos de diversas ordens, e nesse capítulo, trabalhou-se com o *lawfare*, enquanto arma de uma guerra não-convencional, que deve ser ostensivamente estudado e analisado a fim de produzir registros para a posteridade de um dos períodos mais sombrios desde a redemocratização do país.

5 A HEGEMONIA NORTE-AMERICANA: O PAPEL DA PROPAGANDA NA FABRICAÇÃO ARTIFICIAL DE CONSENSO POR MEIO DA POLÍTICA EXTERNA NORTE-AMERICANA

Para os fins desse trabalho, há de se analisar não a historiografia da hegemonia norte-americana de forma tradicional, mas o impacto que alguns dos acontecimentos históricos aqui elencados provocara na construção da ideologia do capitalismo de forma determinante para garantir os próximos anos de dominação norte-americana. O foco foi dado ao papel da propaganda – que construiu e gradativamente moldou a ideologia que tornou possível a infiltração de seus interesses em grande parte do mundo.

A hegemonia norte-americana se consolida com o colapso da União Soviética no fim da guerra fria. Naquele momento, firma-se a condição efetiva de superpotência que os EUA ocuparia, inaugurando o momento unipolar por não existir nenhum outro poder capaz de se opor à seu poderio econômico, político e militar à época.

Com a queda do muro de Berlim e a extensão da hegemonia norte-americana a países de regime socialista, a *Pax Americana,* que deriva da ideia de "Paz Perpétua" de Kant, passa a ser a base teórica que sustentaria a ideologia da política externa norte-americana no século XX. A "benevolente" premissa dos ideólogos da *Pax Americana* é de que somente através do livre comércio pode-se alcançar a paz entre e dentro dos Estados, sendo um equívoco, portanto, compara-la à *Pax Britânnica*, uma vez que historicamente impérios não criam paz a sua volta. Talvez a única conexão entre elas seja a moral que as ampara, "os impérios sempre se justificam, e às vezes com grande sinceridade, em termos morais – seja afirmando que promovem a disseminação (na versão deles) da civilização ou da religião entre os bárbaros, seja (na versão deles) da liberdade entre as vítimas da opressão (alheia), ou como campeões dos direitos humanos.[91]

O imperialismo norte-americano foi mantido graças a enorme riqueza proveniente da indústria no período das guerras e o papel crucial que sua economia desempenharia no mundo, mas sobretudo pela capacidade de difusão dos valores democráticos pelo método que até os dias atuais é a raiz da dominação norte-

[91] HOBSBAWM, Eric. **Globalização, Democracia e Terrorismo**. Trad. José Viegas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 48.

americana: a propaganda. Seja por Hollywood (principalmente por Hollywood nesse momento), seja por meio da reprodução do lifestyle norte-americano pela própria cultura nacional, a difusão da ideia de um Estado livre e próspero bastou para que grande parte do mundo idealizasse os Estados Unidos como um objetivo de civilização a se alcançar.

A título de exemplo da dominação cultural a partir do cinema, temos a filmografia do cineasta Frank Capra (1897-1991), cineasta que contribuíra fortemente para o constructo ideológico norte-americano.

Os primeiros filmes de Capra tratavam de temas relacionados a Grande Depressão Econômica da década de 30 e do espírito de otimismo frente a Segunda Guerra. Por meio de seus filmes Capra disseminava ideias de união do povo em torno de um objetivo comum, da importância da força e da resiliência dos cidadãos para a superação das crises nacionais e externas. Considerando que em tempos de crise o entretenimento oferece algum tipo de conforto e conformação – exemplo disso é o fortalecimento da indústria cinematográfica no período da maior crise econômica da história dos EUA[92], a hipótese é de que o resultado positivo desses filmes no comportamento social, mobilizara o governo norte-americano a utilizar-se de Hollywood como ferramenta para a manipulação da opinião pública.

Junto ao Departamento de Guerra dos Estados Unidos, entre 1942 e 1945, Capra portanto, passou a produzir a série documental "Por que lutamos?" (ou "*Why we fight*?")[93], recebendo das mãos do General George C. Marshall (o então

---

[92] Mesmo na época da depressão econômica, o cinema pouco sofreu do ponto de vista econômico. O ingresso barato transformou a diversão da sala escura na principal válvula de escape de uma nação inteira. O cinema americano, como experiência coletiva com elementos catárticos, passou a ser uma das mais fortes expressões culturais da nação, e o fluxo maciço aos cinemas só confirmava isso. Em 1930 Hollywood lançava uma média de 600 filmes por ano, o que confirma que no período da maior crise econômica do país a indústria cinematográfica despontava na economia.

[93] Os filmes que fazem parte da série documental consultada: Two Down and One to Go (1945), apresentado pelo Secretário da Guerra dos Estados Unidos, Henry L. Stimson, e pelo general George C. Marshall; Why We Fight: War Comes to America (1945) (Por que combatemos: a guerra vem para a América), narração de Walter Huston; Know Your Enemy: Japan (1945), narração de Walter Huston e Dana Andrews; Your Job in Germany (1945), narração de Dana Andrews; Here is Germany. (1945); Tunisian Victory (1944) (Vitória na Tunísia); The Negro Soldier (1944) (O soldado negro); Why We Fight: The Battle of China (1944) (Por que combatemos: a batalha da China), narração de Walter Huston; Why We Fight: The Battle of Russia (1943) (Por que combatemos: a Batalha da Rússia), narração Walter Huston e Anthony Veiller; Why We Fight: The Battle of Britain (1943) (Por que combatemos: a Batalha da Inglaterra), narração Walter Huston; Why We Fight: Divide and Conquer (1943) (não creditado), (Por que combatemos: divide e vencerás), narração de Walter Huston e Anthony Veiller; Why We Fight: The Nazis Strike (1943) (Por que combatemos: os nazistas atacam), narração de Walter Huston e Anthony Veiller; Why We Fight: Prelude to War (1942, não creditado) (Por que combatemos: prelúdio de guerra BRA), narração de Walter Huston, partitura musical de Dimitri Tiomki.

organizador do Estado-maior da maquinaria de guerra dos Estados Unidos) a Medalha por Serviços Notáveis, devido aos resultados positivos que os documentários produziram na conscientização dos soldados sobre importância de sua luta.[94].

Os registros dessa série documental são valiosíssimos, tanto para a posteridade quanto para o necessário incômodo moral que provocaria à época. Mesmo que os filmes tenham sido encomendados com a finalidade anunciada de convencer soldados americanos a lutar sem resistência, o alcance foi muito maior, uma vez que toda produção cultural da época dialogava com os medos e anseios da sociedade. A cada cena de horror, de morte e miséria que a segunda guerra provocara, o *slogan* de nação livre e próspera era lançado e a narrativa da segunda guerra foi lentamente e convenientemente sendo construída no imaginário popular, "as reproduções produzidas culturalmente não são simples imagens, verídicas ou enganosas, são um local de poder, de potencial persuasão de seus leitores e espectadores sobre a interpretação do real".[95]

De acordo com o ensaio "Por que Frank Capra Lutava" de Victor Lages, Capra disseminava os ideais, princípios e valores fundamentais da identidade nacional americana e buscava configurar um projeto de "monumentalização mítica" da história dos Estados Unidos da América:

> As estratégias utilizadas nos documentários eram meramente visual e discursiva: usavam mapas para mostrar o mundo dividido em duas partes (uma livre, que usava preceitos de Moisés, Cristo e Maomé, e a outra sujeita à escravidão, dominada por Hitler, Mussolini e Hirohito); apropriavam-se de imagens de cemitérios e cadáveres para chocar os espectadores; emitiam discursos das ocupações nazistas pela Europa como uma ameba que digeria tudo o que alcançava; expunham os métodos de tomada de poder etc. [...] Além disso, imagens pontuais manifestavam o espírito de perseverança norte-americana, como a de londrinos recolhendo objetos pessoais entre as ruínas com um sorriso de firmeza, russos com rostos de otimismo e certeza de vitória próxima e chineses firmes às ondas de massacres e torturas. [...] No cômputo total, a série "Por que lutamos?" surge como uma das mais eficazes peças de propaganda em que o cinema contribuiu com o conflito. [96]

---

[94] FRANK CAPRA. *In:* WIKIPEDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco, CA: Wikimedia Foudantion, 2019].

[95] CHARTIER, Roger. Uma trajetória intelectual: livros, leituras, literaturas. *In*: ROCHA, João Cezar de Castro. (org.). **Roger Chartier:** a força das representações – e Ficção. Chapecó: Argos, 2011. p. 27.

[96] LAGES, Victor. Por que Frank Capra lutava?. **O Cafezinho.** [*s. l.*]. 07 fev. 2019.

O uso da linguagem e das artes visuais foi determinante para o projeto de dominação cultural de grande parte do ocidente, o que persiste até os dias atuais. A título de exemplo da continuidade do uso dessa ferramenta ideológica ao longo da história, temos a minissérie "*Chernobyl*" do diretor Johan Renck, lançada nos Estados Unidos em junho de 2019 pela HBO, na qual os eventos do maior acidente nuclear da história[97] são contados a partir de uma narrativa conturbada, que mesclam os supostos fatores que corroboraram para o acidente e dinâmicas de poder e corrupção entre oficiais do governo soviético.

A série foi denunciada por vários erros de historicidade, de acordo com o jornalista Fred Weir, "todo mundo (na Rússia e Ucrânia) concorda que a minissérie exagera na apresentação dos seus personagens, mostrando oficiais soviéticos e o pessoal da usina como maus e coniventes[98]". A intimidação dissuasiva ao "desenterrar" tal acontecimento catastrófico associando a práticas não ortodoxas da URSS é quase imperceptível, mas a mensagem subliminar (o fracasso do socialismo e a ameaça que ele oferece para o mundo livre) é transmitida, mostrando que até os dias atuais o uso das artes visuais no reforço das narrativas convenientes aos interesses norte-americanos persiste.

Nas palavras de Noam Chomsky:

> A estrutura básica da argumentação tem a simplicidade pueril de um conto de fadas, existem no mundo duas forças, em "polos opostos". Num extremo temos o mal absoluto; no outro, a sublimidade. Entre eles não pode haver transigência, a força diabólica por sua própria natureza, tem que buscar a dominação completa do mundo. Por conseguinte, tem que ser suplantada, desarraigada e eliminada, a fim de que o virtuoso defensor de tudo o que existe de bom possa sobreviver para executar suas obras elevadas[99].

O que se pretende demonstrar, contudo, é que a propaganda foi uma das mais potentes ferramentas de dominação ideológica e afirmação dos EUA como nação livre e próspera – que no momento unipolar do mundo – foi determinante para afirmar sua condição de nação salvadora e guardiã da ordem mundial, o que garante até os dias atuais parte da legitimidade e da aceitação tácita por parte da sociedade frente a brutais intervenções norte-americanas mundo afora.

---

[97] BLAKEMORE, Erin. Desastre de Chernobyl: o que aconteceu e os impactos a longo prazo. **National Geographic Brasil.** [*s. l.].* 6 jun. 2019. História.
[98] WEIR, Fred. 'Chernobyl' TV minisséries: the reviews from ground zero. **The Christian Science Monitor**. Moscou. 28 May 2019.
[99] CHOMSKY, Noam. **Contendo a democracia.** Rio de Janeiro: Record, 1991. p. 24.

Ainda que ao longo da história seus mecanismos tenham se sofisticado, a propaganda persiste, a cada tempo oferecendo uma justificativa ideológica para alguma conquista não anunciada por Washington nos seus projetos de intervenção.

5.1 A fantasia ideológica dos planos econômicos

> As rações de pão, de uma fina fatia por dia, eram constrangedoras, anunciava o jornal londrino *News Chronicle* a partir do Estado alemão da Renânia do Norte-Vestfália. Sindicatos da capital estadual, Düsseldorf, advertiam para distúrbios. Havia protestos e greves não só na zona britânica da Alemanha então dividida, mas também na região ocupada pelos norte-americanos. A catástrofe de fome ameaçava afundar grande parte da Alemanha numa crise, em meados de 1947.
> Também por causa do inverno, que havia sido especialmente rigoroso, a imprensa dava manchetes, diariamente, sobre famintos e regelados. A taxa de suicídio era alta. As pessoas tentavam se ajudar roubando carvão dos trens para o aquecimento, apesar da rigorosa proibição. As cidades maiores, como Berlim e Hamburgo, anunciavam o colapso de suas reservas econômicas e morais.
> Na região industrial do Ruhr, no oeste da Alemanha, zona ocupada pelo Reino Unido, o lorde Francis A. Pakenham observava a miséria pessoalmente. Ele disse ao ministro da Agricultura, Heinrich Lübke, que mais tarde tornou-se presidente da Alemanha: "O senhor sabe que os marinheiros estão aí para o transporte de cereais, os navios estão aí e os famintos também. O que está faltando são as pessoas certas no lugar certo, com o poder na mão[100].

E foi frente a esse cenário catastrófico que George Catlett Marshall, Jr., que a essa altura ingressara na vida política como secretário de Estado dos EUA, anunciou na universidade de Harvard em 1947 o plano Marshall, auxílio financeiro à países da Europa, com o objetivo de promover a reconstrução da economia e o combate à fome e à pobreza ocasionadas pela segunda guerra.

O plano foi usado para pressionar os países do bloco comunista do Leste Europeu a cederem às pressões da época, o que não aconteceu, sendo excluídos num primeiro momento da ajuda estimada em 3,3 bilhões de dólares aprovada em 1948. No discurso histórico, Marshall afirma “a política dos Estados Unidos não é dirigida contra um país ou uma ideologia, mas contra a fome, a pobreza, o desespero e o caos. Quem tentar bloquear a reconstrução de outros países não pode esperar ajuda"[101]. Não se pode desprezar o impacto positivo no quadro socioeconômico europeu através da ajuda do Plano Marshall, nem também a

---

[100] NÜMBERGER, Norbert. 1947: é anunciado o Plano Marshall. **Deutsche Welle Brasil**. [s. l.]. [*s. d.*]. Notícias: calendário histórico.
[101] NÜMBERGER, Norbert. 1947: é anunciado o Plano Marshall. **Deutsche Welle Brasil**. [s. l.]. [*s. d.*]. Notícias: calendário histórico.

necessidade de ajuda dos países europeus do bloco ocidental, mas foi exatamente o cenário que forneceu justificativa para se difundir os moldes econômicos e sociais norte-americanos como válidos (ou mesmo os únicos possíveis), por trás dos interesses "benevolentes" de cooperação.

Para a compreensão do papel da ideologia e da pertinência do seu conceito ao longo da história, talvez não haja nenhuma outra obra com abordagem tão ampla e cirúrgica que a obra coletiva "Um Mapa da Ideologia", organizada pelo autor esloveno, Slavoj Zizek:

> Ideologia pode designar qualquer coisa, desde uma atitude contemplativa que desconhece sua dependência em relação à realidade social, até um conjunto de crenças voltado para ação; desde o meio essencial em que os indivíduos vivenciam suas relações com uma estrutura social até as ideias falsas que legitimam um poder político dominante. Ela parece surgir exatamente quando tentamos evitá-la e deixa de aparecer onde claramente esperaria que existisse. [...] Para começar, temos a 'ideologia em si': a noção imanente da ideologia como doutrina, conjunto de ideias, crenças, conceitos e assim por diante, destinada a nos convencer de sua 'veracidade', mas, na verdade, servindo a algum inconfesso interesse particular do poder. Modalidade crítica da ideologia que corresponde a essa noção é a leitura sintomal: o objetivo da crítica é discernir a tendenciosidade não reconhecida do texto oficial, através de suas rupturas, lacunas e lapsos; discernir, na 'igualdade e liberdade', a igualdade e a liberdade dos parceiros nas trocas do mercado, que, evidentemente, privilegiam o proprietário dos meios de produção. Harbermans, talvez o último grande representante dessa tradição, mede a distorção e/ou falsidade de uma construção ideológica pelo padrão de argumentação racional e não coercitiva, uma espécie de 'ideal regulatório' que, segundo ele, é inerente à ordem, simbólica como tal. A ideologia é uma comunicação sistematicamente distorcida: um texto em que, sob a influência de interesses sociais inconfessos (de dominação etc.), uma lacuna que separa seu sentido público 'oficial' e sua verdadeira intenção – ou seja, em que lidamos com um a tensão não refletida entre o conteúdo enunciado explicitamente no texto e seus pressupostos pragmáticos[102].

Não se trata de validar a afirmação de fato ou verdade sobre uma ou outra ideologia (comunismo ou capitalismo), mas de entender que o antagonismo artificialmente criado entre as duas pela propaganda do governo norte-americano no período da guerra fria foi determinante na construção da narrativa dominante dos acontecimentos históricos, narrativa que sustentou e sustenta até os dias atuais o medo e associação à desgraça e miséria que o comunismo invoca e que é exatamente o que sustenta a ideia do capitalismo liberal como salvação.

---

[102] ZIZEK, Slavoj Zizek. **Um mapa da ideologia.** Tradução Vera Ribeiro, - Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

Não foi diferente com a propagação da doutrina neoliberal na América Latina pouco mais de 40 anos após esses eventos. A mesma construção ideológica estrategicamente forneceria as justificativas para que não houvesse resistência às influencias econômicas que viriam a partir da década de 1980.

Com a Queda do Muro de Berlim em 1989 e o entusiasmo global com o capitalismo liberal, a fórmula estava pronta e o terreno se encontrava fértil para que a América Latina passasse a incorporar os receituários neoliberais de desenvolvimento e de ações que o Consenso de Washington[103] forneceria. "Estabilizar, privatizar e liberalizar" tornou-se o mantra de uma geração de tecnocratas, que, dominados pela ideologia neoliberal estavam tendo sua primeira experiência no mundo subdesenvolvido junto aos líderes políticos por eles aconselhados[104].

E mais uma vez a propaganda foi fundamental para a introjeção dessas medidas. Não se trata de avaliar, nesse momento, os efeitos econômicos para as nações que aderiram ao plano, tampouco fazer juízo de valor das medidas propostas: se são certas ou erradas; se visavam algum tipo de êxito econômico para essas nações ou se serviam a interesses externos, mas observar o quão facilmente foram assimiladas e a pouca resistência a essas interferências externas:

> O marketing das idéias neoliberais foi tão bem feito que, além de sua identificação com a modernidade, permitiria incluir no Consenso de Washington com toda naturalidade, a afirmativa de que as reformas realizadas na América Latina se devem apenas à visão, à iniciativa e à coragem dos seus novos líderes. O que vinha de fora emerge transmutado em algo que teriam resolvido fazer por decisão própria, no interesse de seus próprios países e sem pedir reciprocidade, compensação ou ajuda. Com o que perdiam, pour cause, o direito a pleitear uma ou outra coisa.[...] Tudo se passaria, portanto, como se as classes dirigentes latino-americanas se houvessem dado conta, espontaneamente, de que a gravíssima crise econômica que enfrentavam não tinha raízes externas - a alta dos preços do petróleo, a alta das taxas internacionais de juros, a deterioração dos termos de intercâmbio - e se devia apenas a fatores internos, às equivocadas políticas nacionalistas que adotavam e às formas autoritárias

[103] O Consenso de Washington foi um conjunto de medidas formuladas e propostas em novembro de 1989 por economistas do FMI (Fundo Monetário Internacional), do Banco Mundial e do Departamento de Tesouro dos Estados Unidos destinadas a países emergentes durante a década de 1990. Composto por dez recomendações objetivas, sendo elas: disciplina fiscal; redução dos gastos públicos; reforma tributária, juros de mercado; câmbio de mercado; abertura comercial; investimento estrangeiro direto com eliminação de restrições; privatização das estatais; desregulamentação (afrouxamento das leis econômicas e trabalhistas) e direito à propriedade intelectual, visavam liberalizar a economia dos Estados destinatários bem.

[104] RODRIK, Dani. Goodbye Washington Consensus, hello Washington confusion?: a review of the World Bank's economic growth in the 1990s: learning from a decade of reform. **Journal of Economic Literature.** [s. l.], Vol. XLIV, p. 973-987, Dec. 2006.

> de governo que praticavam. Assim, a solução residiria em reformas neoliberais apresentadas como propostas modernizadoras, contra o anacronismo de nossas estruturas econômicas e políticas.[105]

Não foi, portanto, aleatória a escolha de elencar a Doutrina Truman e o Consenso de Washington como exemplos da dominação ideológica por meio das intervenções econômicas promovidas por Washington, mesmo que entre elas exista um lapso temporal de 42 anos – que engloba diversos outros acontecimentos importantes tanto na configuração geopolítica, quanto na economia global, o que se pretende demonstrar é que em ambas, pode-se observar os mesmos mecanismos ideológicos atuando na distorção das intenções políticas e econômicas do governo norte-americano e a mesma linguagem artificial presente nos discursos que forjaram as motivações das doutrinas de "salvação" econômica frente a cenários de escassez, caos ou desespero social.

A mesma lógica também se aplica a intervenção humanitária que, sustentados pela posição (construída desde a Guerra Fria) de guardião e promotor onipresente dos Direitos Humanos, garantiu diversas vezes alcançar algum objetivo não anunciado por Washington. Não cabe aqui a análise das intervenções forjadas pelo discurso humanitário, mas apenas ressaltar que a dinâmica do exercício do poder global que os EUA tiveram após o período pós Segunda Guerra obedece a uma estrutura lógica construída progressivamente ao longo da história, sendo necessário a exposição dessa lógica através de alguns exemplos para se compreender como ela é materializada no mundo contemporâneo a partir das novas ferramentas de comunicação.

5.2 Imperialismo norte-americano no momento multipolar

A cada quatro anos, uma subdivisão da comunidade de inteligência nacional dos EUA publica um relatório especial no qual revela as tendências de mudanças globais que afetam os Estados Unidos. O *Global Trends 2030*[106], publicado em 2012 revelou que com a crescente ascensão da China, Índia e Brasil e diversos outros fatores descritos nas 166 páginas do documento, o momento unipolar acabou e a

---

[105] BATISTA, Paulo Nogueira. O Consenso de Washington: a visão neoliberal dos problemas latino-americanos. **Caderno Dívida Externa**, [s. l.], n. 6, 2 ed., nov. 1994.

[106] UNITED STATES OF AMERICA. National Intelligence Council. **Global trends 2030**: alternative worlds. [Washington, D.C.]: dec. 2012.

Pax Americana que teve início em 1945, lentamente perde sua expressividade. O relatório sugere diversos cenários e possíveis situações que revelam que o unilateralismo agressivo no mundo multipolar já não pode mais ser considerado como uma estratégia político-militar viável uma vez que as consequências colaterais são incontroláveis[107].

Esse relatório teria influenciado o discurso do ex-Presidente Barack Obama de 2014 na Academia Militar dos EUA em West Point, no qual ele teria feito uma reflexão a respeito da necessidade de adequação da estratégia político-militar norte-americana. Na ocasião, Obama afirma que "o isolacionismo americano no século XXI não é uma opção e reafirma o "relevante" papel no controle de materiais nucleares além das suas fronteiras. Afirma que as agressões regionais que não são controladas - seja no sul da Ucrânia ou no mar da China Meridional, ou em qualquer outro lugar do mundo - acabarão impactando seus aliados e poderão atrair seus militares"[108]. Contudo, alerta para mudança de estratégia:

> [...] A pergunta que enfrentamos, a pergunta que cada um de vocês enfrentará, não é se os Estados Unidos liderarão, mas como lideraremos – não apenas para garantir nossa paz e prosperidade, mas também estender a paz e a prosperidade em todo o mundo.[...] Mas dizer que temos interesse em buscar a paz e a liberdade além de nossas fronteiras não significa dizer que todo problema tem uma solução militar. Desde a Segunda Guerra Mundial, alguns dos nossos erros mais dispendiosos não vieram de nossa restrição, mas de nossa disposição de nos aventurarmos em aventuras militares sem pensar nas consequências - sem criar apoio internacional e legitimidade para nossa ação; sem falar com o povo americano sobre os sacrifícios necessários. [...] a América deve sempre liderar no cenário mundial. Se não o fizermos, ninguém o fará. Os militares aos quais você se juntou são e sempre serão a espinha dorsal dessa liderança. Mas a ação militar dos EUA não pode ser o único - ou mesmo principal - componente de nossa liderança em todos os casos. Só porque temos o melhor martelo, não significa que todo problema seja um prego. E como os custos associados à ação militar são tão altos, você deve esperar que todo líder civil – e especialmente seu comandante em chefe – seja claro sobre como esse poder impressionante deve ser usado.[109]

---

[107] KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas**: das Revoluções Coloridas aos Golpes. Tradução de Thyago Antunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018. p.35.

[108] WHITE HOUSE. President Barack Obama. Office of the Press Secretary. **Remarks by the President at the United States Military Academy Commencement Cerimony.** New York, 28 May 2014. Speeches & Remarks.

[109] WHITE HOUSE. President Barack Obama. Office of the Press Secretary. **Remarks by the President at the United States Military Academy Commencement Cerimony.** New York, 28 May 2014. Speeches & Remarks.

Na hipótese de Korybko, o referido discurso do Obama indica o início de uma nova era da institucionalização da liderança velada do governo norte-americano, na qual os EUA abandona formalmente a doutrina unilateral para se adaptar ao momento multipolar do mundo[110].

Passemos agora a avaliar o que essa tendência significa para o Brasil.

5.3 Os BRICS

O acrônimo BRIC foi o termo usado a partir de 2001 pelo banco de investimentos Goldman Sachs para identificar o agrupamento formado por cinco países, Brasil, Rússia, Índia, Chinas e África do Sul, que formariam com os Estados Unidos a cinco maiores economias do século XXI[111]. A partir de 2006, os líderes desses Estados do BRICS com a inclusão da África do Sul, têm se reunido às margens do G20[112], e desde 2009 realizam reuniões anuais para discutirem medidas que implicam na conversão do crescente poder econômico em uma maior influência geopolítica.[113] Segundo dados do Itamaraty, em 2019 os Estados que formam o BRICS, representam cerca de 42% da população, 23% do PIB, 30% do território e 18% do comércio mundial.[114]

São sete principais áreas de cooperação dos BRICS, a econômico-financeira; o ACR Arranjo de Contingente de Reservas; saúde; ciência, tecnologia e inovação; segurança e empresarial. A partir da Cúpula de Fortaleza no Brasil em 2014 – a experiência mais concreta da cooperação econômico-financeira dos BRICS – o NDB (Novo Banco de Desenvolvimento do BRICS) foi criado com um aporte inicial de US$50 bilhões, dos quais US$10 bilhões serão integralizados em partes iguais entre os cinco membros até 2020. A sede do banco localiza-se em Xangai, na China, em 2019 foi inaugurado o primeiro escritório regional em São Paulo no Brasil.

---

[110] KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas**: das Revoluções Coloridas aos Golpes. Tradução de Thyago Antunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018. p.36.

[111] BRICS BRASIL. **O que é o BRICS**. [*s. l.*], [*s. d.*].

[112] O G20 é um grupo formado pelos ministros de finanças e chefes dos bancos centrais das 19 maiores economias do mundo mais a União Europeia. Foi criado em 1999, após as sucessivas crises financeiras da década de 1990 e hoje é considerado o principal mecanismo de governança econômica mundial.

[113] FAULCONBRIDGE, Guy. BRICs helped by Western finance crisis: Goldman. **Reuters**. St. Petersburg, 8 jun. 2008. Business News.

[114] BRICS BRASIL. **O que é o BRICS**. [*s. l.*], [*s. d.*].

Além do NDB, Arranjo Contingente de Reservas oferece respaldo para os países membros em cenários de crise econômica que reflitam nas relações entre os países.

Os BRICS são a única e verdadeira força em contraposição ao imperialismo norte-americano. O plano de realizar comércio e negócios em suas próprias moedas, evitando o dólar norte-americano; a criação do banco de desenvolvimento dos BRICS; a declarada intenção de aumentar a integração na Eurásia, simbolizada pela hoje convergente "Rota da Seda" liderada pela China, colocou os países membros dos BRICS na mira dos estrategistas políticos do governo norte-americano.

A Nova Rota da Seda é o maior plano de investimento da história da humanidade. O *One Belt One Road* (Um Cinturão, Uma Rota) terá orçamento de US$ 5 trilhões. Isso é três vezes o PIB do Brasil, e quase 40 vezes o valor atualizado do Plano Marshall, que os EUA criaram para reconstruir a Europa após a segunda Guerra Mundial. O dinheiro será investido em 65 países, que juntos concentram 63% da população global, ao longo dos próximos 40 anos, alterando significativamente a dinâmica do exercício do poder global[115]. O montante orçamentário da Nova Rota da Seda, juntamente com a força econômica que o BRICS representa, possibilita uma projeção do cenário internacional dos próximos anos que justifica a hipótese de intervenção indireta nos Estados-membros do BRICS a fim de causar instabilidade.

A participação do Brasil no BRIC foi determinante para identificarmos que a política externa realizada pelo governo Lula (2003-2010) pautada no fortalecimento da ideologia do multilateralismo da reciprocidade ao se juntar à essas economias passou a ser alvo imediato dos Estados Unidos.

O Governo Lula estabeleceu, prioritariamente através de instâncias multilaterais, a reciprocidade nas relações com países emergentes. Na esfera internacional essa interação se deu através de alianças, que, nos âmbitos social, político e econômico, estivessem comprometidas com as mesmas reivindicações e prioridades, quais sejam, reciprocidades reais nas negociações; representatividade e autonomia decisória nos fóruns; direito ao desenvolvimento estendido a todos os

---

[115] KOTZ, R. L. A nova rota da seda: entre a tradição histórica e o projeto geoestratégico para o futuro, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio Econômico, Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Florianópolis, 2018.

países intermediários e pobres; e reforma dos mecanismos da governança global, de maneira a tornar o sistema mais democrático.

O governo Lula implementou medidas para que o Brasil passasse a ser um agente ativo do sistema, sem se submeter mais às potências centrais que ditam as regras e os regimes ocasionando uma menor dependência dos Estados Unidos.

Conforme levantamento da Revista Nexo[116], os dois últimos anos da era do governo do PT – quando a revolução colorida começou no Brasil – registraram retrocessos na economia e no bem-estar da população em todos os aspectos econômicos. Houve queda do PIB (Produto Interno Bruto) e alta do desemprego. Os grandes avanços a partir das gestões do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e de Dilma Rousseff começaram a ser dissolvidos a partir de 2013, quando se iniciou a revolução colorida no Brasil.

Considerando que se trata de uma guerra econômica a solução militar não alcança êxito. A guerra hoje é entendida não mais apenas como um ato político, mas como um instrumento político de permanente continuação da atividade política dos Estados Unidos, que a periferia da Rússia, China e o Brasil tem experimentado.

O que a pesquisa visou com esse capítulo, foi demonstrar as alterações nas relações de poder no cenário internacional, como a participação do Brasil no BRICS, o novo projeto de expansão econômica da China, e as relações de reciprocidade entre esses Estados oferecem a única ameaça real hoje ao poderio econômico dos Estados Unidos que implicaram diretamente na necessidade de mudança de estratégia para manutenção da hegemonia norte-americana.

[116] https://www.nexojornal.com.br/especial/2016/09/02/10-%C3%ADndices-econômicos-e-sociais-nos-13-anos-de-governo-PT-no-Brasil

6 CONCLUSÃO

Na primeira parte do presente trabalho, buscou-se explicar a teoria da Guerra Híbrida elencada para essa pesquisa, a fim de possibilitar ao leitor uma maior compreensão das ideias que seriam expostas ao longo do trabalho.

A partir da contextualização da teoria, foram analisados seus fundamentos e mecanismos dando uma maior ênfase a um deles: o papel das mídias, que foi determinante para a construção da narrativa dominante em torno dos eventos elencados, bem como na fabricação artificial de consensos a respeito desses acontecimentos.

Buscou-se demonstrar os elementos que são considerados como peculiares da guerra híbrida no Brasil, tais como o *lawfare* e o uso das *fake news* nas campanhas eleitorais a fim de expor que no Brasil, a guerra híbrida assumiu uma forma sofisticada de intervenção, que carece de análise desses fenômenos a fim de compreender a dimensão real de seu alcance.

Além disso, produziu-se uma análise sobre os casos considerados como mais relevantes para a finalidade do trabalho compreendendo o período de 2013 a 2018, a fim de relaciona-los a interferências externas, que é a hipótese da guerra híbrida.

Outro ponto importante do trabalho foi a exposição da ideologia do combate a corrupção, que serviu de base para o apoio popular massivo às violações de direitos que ocorreram com as perseguições políticas dos eventos elencados.

Por fim, trabalhou-se com as motivações para o Brasil pudesse ser indicado por essa pesquisa, como um Estado-alvo da guerra híbrida, bem como as justificativas ideológicas que foram construídas progressivamente ao longo da história da dominação norte-americana por meio da propaganda.

O objetivo dessa pesquisa foi dar visibilidade as estruturas e atores que estão por trás do caos político a partir de 2013 no Brasil, relacionando os eventos analisados entre si e com a dinâmica de uma guerra híbrida, conforme as experiências recentes que deram luz a teoria da Guerra Híbrida.

Logo, conclui-se que é do interesse de Estados-alvo desse novo modelo de guerra, a possibilidade de oferecer resistência, por essa razão se faz necessária a compreensão desses eventos a partir da lógica de uma guerra.

REFERÊNCIAS

10 SITES mais populares do mundo. **Forbes**. [s. l.], 10 abr. 2019. Redação. Disponível em: https://forbes.com.br/listas/2019/04/10-sites-mais-populares-do-mundo/. Acesso em: 03 fev. 2020.

‘CHANCELER europeu’ negocia fim de crise na Ucrânia. **BBC News Brasil**. [s. l.], 26 nov. 2004. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/story/2004/11/041126_ucraniamla.shtml. Acesso em: 03 fev. 2020.

AVELAR, Daniel. Whatsapp fake news during Brazil election ‘favoured Bolsonaro’: analysis suggests vast majority of viral messages with fake information were rightwing. **The Guardian**, [s. l.], 30 out. 2019. World: Americas: Brazil. Disponível em: https://www.theguardian.com/world/2019/oct/30/whatsapp-fake-news-brazil-election-favoured-jair-bolsonaro-analysis-suggests. Acesso em: 03 fev. 2020.

BATISTA, Paulo Nogueira. O Consenso de Washington: a visão neoliberal dos problemas latino-americanos. **Caderno Dívida Externa**, [s. l.], n. 6, 2 ed., nov. 1994. Disponível em: http://www.consultapopular.org.br/sites/default/files/consenso%20de%20washington.pdf. Acesso em: 03 fev. 2020.

BAVA, Sílvio Caccia. Google, Facebook e a extrema direita. **Le monde diplomatique Brasil.** [s. l.]. 2 set. 2019. Edição 146: Brasil. Editorial. Disponível em: https://diplomatique.org.br/google-facebook-e-a-extrema-direita/. Acesso em: 03 fev. 2020.

BLAKEMORE, Erin. Desastre de Chernobyl: o que aconteceu e os impactos a longo prazo. **National Geographic Brasil.** [s. l.]. 6 jun. 2019. História. Disponível em: https://www.nationalgeographicbrasil.com/2019/06/o-que-aconteceu-desastre-chernobyl-uniao-sovietica-ucrania-energia-nuclear. Acesso em: 03 fev. 2020.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Ação de Investigação Judicial Eleitoral (11527) n. 06011779-05.2018.6.00.0000**. Relator: Ministro Jorge Mussi. Brasília-DF, 21 out. 2018. Representante: Partido Democrático Trabalhista (PDT); Coligação Brasil Soberano (PDT/AVANTE). Representado: Jair Messias Bolsonaro; Antônio Hamilton Martins Mourão; Luciano Hang; Coligação Brasil Acima de Tudo, Deus Acima de Todos (PSL/PRTB). Disponível em: https://tse.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/641702782/acao-de-investigacao-judicial-eleitoral-aije-6017790520186000000-brasilia-df/inteiro-teor-641702783?ref=feed. Acesso em: 03 fev. 2020.

BRÉVILLE, Benoît; LAMBERT, Renaud. Dar um sermão para o mundo ou transformá-lo?. **Le monde diplomatique Brasil**. [s. l.], 2 set. 2019. Edição 146: Brasil. Disponível em: https://diplomatique.org.br/dar-um-sermao-para-o-mundo-ou-transforma-lo/. Acesso em: 03 fev. 2020.

BRICS BRASIL. **O que é o BRICS**. [s. l.], [s. d.]. Disponível em: http://brics2019.itamaraty.gov.br/sobre-o-brics/o-que-e-o-brics. Acesso em 03 fev. 2020.

BRITANNY, Kaiser. **Manipulados**: como a Cambridge Analytica e o Facebook invadiram a privacidade de milhões e botaram a democracia em xeque. Tradução de Roberta Clapp, Bruno Fiuza. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.

CHARLEAUX, João Paulo. O que foram, afinal, as Jornadas de Junho de 2013 e no que elas deram: 'Nexo' traz 5 análises, de protagonistas e estudiosos do movimento, sobre as manifestações que mexeram com o Brasil. **Nexo Jornal**. [s. l.], 17 jun. 2017. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/06/17/O-que-foram-afinal-as-Jornadas-de-Junho-de-2013.-E-no-que-elas-deram. Acesso em: 03 fev. 2020.

CHAUVIER, Jean-Marie. O que está em jogo no xadrez ucraniano. **Le monde diplomatique Brasil**. [s. l.], 1 jan. 2005. Acervo online. Disponível em : https://diplomatique.org.br/o-que-esta-em-jogo-no-xadrez-ucraniano/. Acesso em: 03 fev. 2020.

CHETERIAN, Vicken. "Revoluções" à moda do Leste. **Le monde diplomatique Brasil**. [s. l.], 1 nov. 2005. Acervo online. Disponível em : https://diplomatique.org.br/revolucoes-a-moda-do-leste/. Acesso em: 03 fev. 2020.

COMO a Cambridge Analytica recolheu dados do Facebook: entenda a estratégia usada por aliados de Trump durante a campanha eleitoral. **Folha de São Paulo**, São Paulo, [*s.d.*]. Mercado. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/03/como-a-cambridge-analytica-recolheu-dados-do-facebook.shtml. Acesso em: 03 fev. 2020.

DA EMPOLI, Giuliano. 'O caos criado pela extrema direita é calculado'. [Entrevista cedida a João Paulo Charleaux]. **Nexo Jornal**. [s. l.], 03 dez. 2019. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2019/12/03/%E2%80%98O-caos-criado-pela-extrema-direita-%C3%A9-calculado%E2%80%99. Acesso em: 3 fev. 2020.

DA EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos.** Tradução de Arnaldo Bloch. São Paulo: Vestígio, 2019.

EMPRESÁRIOS bancam campanha contra o PT pelo whatsapp: com contratos de R$ 12 milhões, prática viola a lei por ser doação não declarada. **Folha de São Paulo**, São Paulo, [*s.d.*]. Eleições 2018. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml. Acesso em: 03 fev. 2020.

ESCOBAR, Pepe. O Brasil no epicentro da Guerra Híbrida. Tradução de Vinícius Gomes Melo e Inês Castilho. **Outras Palavras.** [s. l.], 30 mar. 2016. Geopolítica & Guerra. Disponível em: https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerra/o-brasil-no-epicentro-da-guerra-hibrida/. Acesso em: 03 fev. 2020.

EX-ESTRATEGISTA de Trump supervisionou ação da Cambridge Analytica: delator conta ao 'Washington Post' como começou a trabalhar na campanha do atual presidente. **O Globo**, [Rio de Janeiro], 21 mar. 2018. Mundo. Disponível em: https://oglobo.globo.com/mundo/ex-estrategista-de-trump-supervisionou-acao-da-cambridge-analytica-22511190. Acesso em: 03 fev. 2020.

FAULCONBRIDGE, Guy. BRICs helped by Western finance crisis: Goldman. **Reuters**. St. Petersburg, 8 jun. 2008. Business News. Disponível em: https://www.reuters.com/article/us-russia-forum-bric/brics-helped-by-western-finance-crisis-goldman-idUSL071126420080608?pageNumber=2&virtualBrandChannel=0. Acesso em: 03 fev. 2020.

FERREIRA, Andrey Cordeiro. Ecos de junho: insurgências e crise política no Brasil (2013-2018). **Le monde diplomatique Brasil**. [s. l.], 20 jun. 2018. Acervo online. Disponível em: https://diplomatique.org.br/ecos-de-junho-insurgencias-e-crise-politica-no-brasil-2013-2018/#_ftnref1. Acesso em: 03 fev. 2020.

FIESCHI, Catherine; HEYWOORD, Paul. Trust, cynicism and populist anti-politics. **Journal of Political Ideologies,** Abigdon-on-Thames, v. 9, n. 3, p. 289-309, out. 2004.

FRANK CAPRA. *In:* WIKIPEDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco, CA: Wikimedia Foudantion, 2019]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Frank_Capra. Acesso em: 03 fev. 2020.

GREENWALD, Glenn; REED, Betsy; DEMORI, Leandro. Como e por que o Intercept está publicando chats privados sobre a Lava Jato e Sergio Moro. **The Intercept Brasil.** [s. l.], 9 jun. 2019. Disponível em: https://theintercept.com/2019/06/09/editorial-chats-telegram-lava-jato-moro/. Acesso em: 03 fev. 2020.

GRYNBAUM, Michael M.; HERRMAN, John. Breibart rises from outlier to potent voice in campaign. **The New York Times,** [Nova Iorque], 26 ago. 2016. Disponível em: https://www.nytimes.com/2016/08/27/business/media/breitbart-news-presidential-race.html. Acesso em: 03 fev. 2020.

GUERRAS culturais se acirram no Brasil, e quem vence é a direita de Bolsonaro: batalha entre esquerda e direita no campo das artes e costumes tem sexualidade como principal personagem. **Folha de São Paulo**, São Paulo, [*s.d.*]. Ilustrada. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/10/guerras-culturais-se-acirram-no-brasil-e-quem-vence-e-a-direita-de-bolsonaro.shtml. Acesso em: 03 fev. 2020.

GUROVITZ, Hélio. O homem que usou o Facebook para eleger Trump. **Estadão**, [São Paulo], 2 jul. 2017. Internacional. Disponível em: https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,o-homem-que-usou-o-facebook-para-eleger-trump,70001873505. Acesso em: 03 fev. 2020.

HENNINGSEN, Patrick. Smart power and "the human rights industrial complex". **Global Research.** [s. l.], 17 mar. 2016. Disponível em:

https://www.globalresearch.ca/smart-power-and-the-human-rights-industrial-complex/5514739. Acesso em 03 fev.2020.

HOBSBAWM, Eric. **Globalização, Democracia e Terrorismo**. Trad. José Viegas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

IBOPE INTELIGÊNCIA. Notícias & pesquisas. **Lula fica à frente na disputa pela Presidência da República**: no cenário com Haddad como opção do PT, Bolsonaro aparece na liderança. 20 ago. 2018. Disponível em: https://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/lula-fica-a-frente-na-disputa-pela-presidencia-da-republica-no-cenario-com-haddad-como-opcao-do-pt-bolsonaro-aparece-na-lideranca/. Acesso em 03 fev. 2020.

INTERNATIONAL MONETARY FUND. **Review of 1997 guidance note on governance**: a proposed framework for enhanced fund engagement. Washington-D.C., 22 abr. 2018. Disponível em: https://www.imf.org/en/Publications/Policy-Papers/Issues/2018/04/20/pp030918-review-of-1997-guidance-note-on-governance. Acesso em 03 fev. 2020.

JAIR Bolsonaro é eleito presidente com 57,8 milhões de votos: candidato pelo PSL, capitão reformado do Exército derrotou o petista Fernando Haddad no 2º turno e vai governar o Brasil pelos próximos 4 anos. **G1**. Eleições 2018. 29 out. 2018. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/apuracao/presidente.ghtml. Acesso em: 03 fev. 2020.

JOHN Comaroff explica Lawfare. [s. l.], 14 nov. 2016. 1 vídeo (21 min). Publicado por A verdade de Lula. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=skCRotOT1Lg. Acesso em: 03 fev. 2020.

JORNAL inglês The Guardian fala da ligação entre o MBL e os irmãos Koch. **Diário do Centro do Mundo**. [s. l.] 28 jul. 2017. O essencial. Disponível em: https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/jornal-ingles-the-guardian-fala-da-ligacao-entre-o-mbl-e-os-irmaos-koch/. Acesso em: 03 fev. 2020.

KORYBKO, Andrew. Brasil é alvo de guerra híbrida, diz analista. [Entrevista cedida a Eleonora de Lucena e Rodolfo Lucena]. **Tutaméia**: entreveros e desenredos. [s. l.], 18 out. 2018. Disponível em: https://tutameia.jor.br/brasil-e-alvo-de-guerra-hibrida/. Acesso em: 3 fev. 2020.

KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas**: das Revoluções Coloridas aos Golpes. Tradução de Thyago Antunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LAGES, Victor. Por que Frank Capra lutava?. **O Cafezinho.** [s. l.]. 07 fev. 2019. Disponível em: https://www.ocafezinho.com/2019/02/07/por-que-frank-capra-lutava/. Acesso em: 03 fev. 2020.

LÍDER derrubado em 2004 vence eleição na Ucrânia, indica apuração. **BBC News Brasil**. [s. l.], 8 fev. 2010. Disponível em:

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/02/100208_ucrania_eleicao_rw. Acesso em: 03 fev. 2020.

LOBO, Iuri Endo. **Por que a culpa é do Ocidente: análise comparativa das crises da Ucrânia e da Geórgia**. 2016. Monografia (Graduação em Relações Internacionais) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/174601/Monografia%20do%20Iuri.pdf?sequence=1. Acesso em: 03 fev. 2020.

MACIEL, Alice. A empresa de palestras de Rosângela Moro. **A Pública**. [s. l.], 25 jul. 2018. Reportagem. Disponível em: https://apublica.org/2018/07/a-empresa-de-palestras-de-rosangela-moro/. Acesso em: 03 fev. 2020.

MEDEIROS FILHO, Barnabé. O golpe no Brasil e a reorganização imperialista em tempo de globalização. **Le monde diplomatique Brasil**. [s. l.], 23 nov. 2018. Acervo online. Disponível em : https://diplomatique.org.br/o-golpe-no-brasil-e-a-reorganizacao-imperialista-em-tempo-de-globalizacao/. Acesso em: 03 fev. 2020.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **Caso Lava Jato**. [s. l.], [s. d.]. Disponível em: http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/lava-jato. Acesso em: 03 fev. 2020.

MORO, Sergio Fernando. Considerações sobre a operação *mani pulite*. **Revista Centro de Estudos Judiciários**, Brasília-DF, n. 26, p. 56-62, jul./set. 2004.

NA UCRÂNIA, Revolução Laranja levou oposição ao poder em 2004: denúncias de fraude generalizada na eleição presidencial deflagram o movimento. **O Globo**, [Rio de Janeiro], 05 fev. 2014. Mundo. Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/na-ucrania-revolucao-laranja-levou-oposicao-ao-poder-em-2004-11417716. Acesso em: 03 fev. 2020.

CHOMSKY, Noam. **Contendo a democracia.** Rio de Janeiro: Record, 1991.

NÜMBERGER, Norbert. 1947: é anunciado o Plano Marshall. **Deutsche Welle Brasil**. [s. l.]. [s. d.]. Notícias: calendário histórico. Disponível em: https://p.dw.com/p/2NvV. Acesso em: 03 fev. 2020.

PHILLIPS, Dom. Brazil's right on the rise as anger grows over scandal and corruption. **The Guardian**, [s. l.], 26 jul. 2017. World: Americas: Brazil. Disponível em: https://www.theguardian.com/world/2017/jul/26/brazil-rightwing-dilma-rousseff-lula. Acesso em: 03 fev. 2020.

RODRIK, Dani. Goodbye Washington Consensus, hello Washington confusion?: a review of the World Bank's economic growth in the 1990s: learning from a decade of reform. **Journal of Economic Literature.** [s. l.], Vol. XLIV, p. 973-987, Dec. 2006. Disponível em: https://drodrik.scholar.harvard.edu/files/dani-rodrik/files/goodbye_washington_consensus_.pdf. Acesso em: 03 fev. 2020.

SENADO FEDERAL. Senado Notícias. Agência Senado. **Impeachment de Dilma Rousseff marca ano de 2016 no Congresso e no Brasil**. [Brasília-DF], 28 dez.

2016. Matérias: especial. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil. Acesso em: 03 fev. 2020.

SOLANO GALLEGO, Esther. A luta é de todos nós. *In:* PRONNER, Carol *et al.* (org.). **A resistência internacional ao golpe de 2016.** Bauru : Canal 6, 2016.

THE 30 MOST influential teens of 2015. **Time**. [s. l.], 27 out. 2015. Newsfeed. Disponível em: https://time.com/4081618/most-influential-teens-2015/. Acesso em: 03 fev. 2020.

THE GREAT hack. Direção: Karim Amer, Jehane Noujaim. Produção: Karim Amer. Estados Unidos da América: Netflix, 2019. 1 vídeo (114 min.). Disponível em: https://www.thegreathack.com/. Acesso em: 03 fev. 2020.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Comunicação. **Mais três operadoras enviam informações ao TSE sobre telefones de supostos envolvidos em disparos de mensagens em massa**: informações foram solicitadas pela Corregedoria em ação que investiga empresas alegadamente contratadas para propagar mensagens via whatsapp. [s. l.] 29 out. 2019. Disponível em: http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2019/Outubro/mais-tres-operadoras-enviam-informacoes-ao-tse-sobre-telefones-de-supostos-envolvidos-em-disparos-de-mensagens-em-massa. Acesso em: 03 fev. 2020.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Comunicação. **TSE indefere pedido de registro de candidatura de Lula à Presidência da República:** ministros vedaram a prática de atos de campanha pelo ex-presidente. [s. l.] 1 set. 2018. Disponível em: http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2018/Setembro/tse-indefere-pedido-de-registro-de-candidatura-de-lula-a-presidencia-da-republica. Acesso em: 03 fev. 2020.

UKRAINE on fire. Direção: Igor Lopatonok. Produção executiva: Oliver Stone. Estados Unidos da América: Cinema Libre Studio, 2016. 1 vídeo (93 min.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=RUysUTDPW_k. Acesso em: 03 fev. 2020.

UNITED STATES OF AMERICA. National Intelligence Council. **Global trends 2030**: alternative worlds. [Washington, D.C.]: dec. 2012. Disponível em: https://globaltrends2030.files.wordpress.com/2012/11/global-trends-2030-november2012.pdf. Acesso em: 03 fev. 2020.

VANUCCI, Alberto. Operação que inspirou Lava Jato foi fracasso e criou corruptos mais sofisticados, diz pesquisador. [Entrevista cedida a Luiza Bandeira]. **BBC News Brasil**. Londres, 17 mar. 2016. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160316_lavajato_dois_anos_entrevista_lab. Acesso em: 3 fev. 2020.

WEIR, Fred. 'Chernobyl' TV minisséries: the reviews from ground zero. **The Christian Science Monitor**. Moscou. 28 May 2019. Disponível em: https://www.csmonitor.com/World/Europe/2019/0528/Chernobyl-TV-miniseries-the-reviews-from-ground-zero. Acesso em: 03 fev. 2020.

WHITE HOUSE. President Barack Obama. Office of the Press Secretary. **Remarks by the President at the United States Military Academy Commencement Cerimony.** New York, 28 May 2014. Speeches & Remarks. Disponível em: https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2014/05/28/remarks-president-united-states-military-academy-commencement-ceremony. Acesso em: 03 fev. 2020.

WIKILEAKS-Brasil. EE. UU., o projeto pontes e o juiz Moro. **Kaosenraled.** [s. l.], 6 jul. 2016. Disponível em: https://kaosenlared.net/wikileaks-brasil-ee-uu-o-projeto-pontes-e-o-juiz-moro/. Acesso em: 03 fev. 2020.

ZANIN, Cristiano; MARTINS, Valeska. Lawfare, o uso do sistema como arma de guerra política e econômica. **Carta Capital**. [s. l.], 17 ago. 2019. Opinião. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/opiniao/lawfare-o-uso-do-sistema-como-arma-de-guerra-politica-e-economica/. Acesso em: 03 fev. 2020.

ZIZEK, Slavoj Zizek. **Um mapa da ideologia.** Tradução Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.